

ter onde ficar

**habitação estudantil para quem
precisa no centro de ribeirão preto**

joão victor garcia mariotti

ter onde ficar

habitação estudantil para quem
precisa no centro de ribeirão preto

joão victor garcia mariotti

Comissão de acompanhamento permanente (cap)

Aline Sanches

Joubert Lancha

Luciana Schenk

Luciano da Costa

Coordenador do Grupo Temático (gt)

João Marcos Lopes

Trabalho de Graduação Integrado II

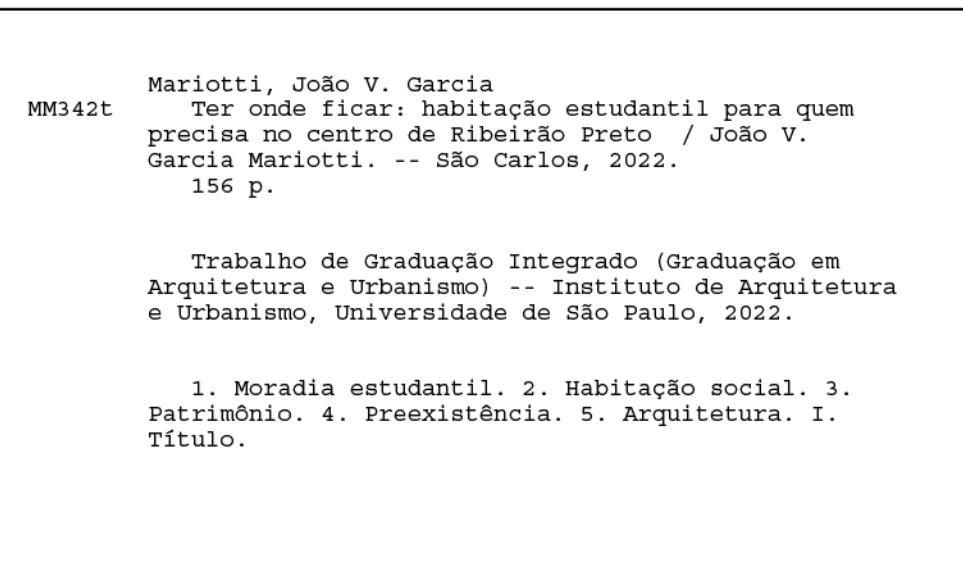
Universidade de São Paulo

Instituto de Arquitetura e Urbanismo

São Carlos, dezembro de 2022.

AUTORIZO A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) local da ficha



Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2: Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229



Atribuição Não Comercial-Compartilhável-CC BY-NC-SA

agradecimentos

A meus pais, Rosiane e João, que sempre acreditaram em mim e me ensinaram, desde cedo, que a educação é o caminho para a ascensão social e pessoal.

Aos amigos que me ajudaram diretamente com esse trabalho: Marina, Érika, Gabriele, Isabella, Mayumi e Paul. Eu não teria conseguido sem a ajuda deles.

A todos que cruzaram meu caminho durante esse difícil período e que, de alguma forma, contribuíram com esse trabalho. Ele é fruto de diversas experiências adquiridas graças às minhas relações sociais.

A mim mesmo.

resumo

Este trabalho parte de uma experiência pessoal para tratar sobre permanência estudantil no contexto da Universidade de São Paulo. Aqui, entende-se tal tipo de moradia como um potente mediador entre o estudante e o ambiente que ele vive, capaz de proporcionar experiências tão enriquecedoras quanto o conhecimento adquirido na universidade. Para isso, propõe-se uma habitação estudantil para estudantes de baixa renda no contexto da USP de Ribeirão Preto.

Como estratégia de projeto, a habitação e os serviços vinculados a ela devem se situar fora do campus universitário, a partir da apropriação de preexistências arquitetônicas na região central de Ribeirão, as quais são, atualmente, protegidas pelo Conselho de Patrimônio da cidade.

Palavras-chave: moradia estudantil; habitação social; patrimônio; preexistência

sumário

considerações iniciais	12
motivação e experiência pessoal	13
fundamentação teórica	16
permanência estudantil na universidade de são paulo	18
um estudo sobre moradia estudantil e suas potencialidades	26
universidade e experiência de cidade	33
contextualização	48
a califórnia brasileira	50
um hotel abandonado	60
recuperar e reativar	68
leituras de território	74
habitação estudantil para quem precisa	88
referências	152

motivação e experiência pessoal

No último ano de Ensino Médio, quando decidi, finalmente, que queria cursar arquitetura e urbanismo, fiz uma extensa pesquisa sobre a localização das universidades que ofereciam o curso e refleti sobre as condições que me permitiriam seguir por esse caminho. Logo de início, percebi que na cidade onde morava, Ribeirão Preto (onde também nasci), o curso só era oferecido por instituições privadas. Isso, logo no início, se tornou motivo de preocupação, pois pagar para estudar é algo que nunca fez parte de minha realidade. Então, continuando com as pesquisas, descobri que havia a possibilidade de cursar arquitetura e urbanismo sem ter que pagar mensalidades, porém, fora de Ribeirão Preto, em cidades do interior de São Paulo. Descobri, também, que em São Carlos, a aproximadamente 100 quilômetros de minha cidade natal, havia a possibilidade de cursar arquitetura e urbanismo na Universidade de São Paulo.

À medida que o ano se desenrolava, comecei a pesquisar, antes mesmo do período das provas finais, por formas de moradia na cidade de São Carlos. Então, descobri que dentro do campus da USP de São Carlos havia cinco edifícios de moradia estudantil **autogeridos** pelos estudantes em parceria com o Serviço Social da universidade. Essa descoberta foi decisiva na minha escolha de estudar em São Carlos. De fato, eu só conseguia estudar se tivesse um lugar para morar. Para pessoas que vivem na mesma realidade que eu, **ter onde ficar** é motivo de preocupação.

O trabalho que irei apresentar ao longo deste caderno se relaciona diretamente com minha experiência pessoal, aqui relatada brevemente. Não havia a possibilidade de escolher outro tema que não a moradia estudantil, pois desde o primeiro ano de graduação, imergi nesse universo que é, na verdade, um movimento político e social. Quando o estudante entra no

considerações iniciais

aloja – como costumamos apelidar a moradia em São Carlos –, ele acaba entrando no movimento político de uma forma ou outra. Após todos esses anos vivendo em um alojamento estudantil, proponho, agora, algo novo: uma **moradia autogerida pelos estudantes em parceria com o Serviço Social da universidade, fora do campus universitário, em Ribeirão Preto**. Como estratégia de projeto, proponho a recuperação e reativação de uma preexistência no centro da cidade.

A ideia, aqui, é pensar a moradia não somente como uma forma de assegurar permanência ao estudante em situação de vulnerabilidade econômico-social, mas também como mediadora da experiência de se viver em outra cidade. A moradia, neste caso, pode ser entendida como a interface entre o estudante e a cidade em que ele passa a residir para estudar; na prática, isso implica em uma moradia que não se restrinja aos limites do campus universitário, mas sim que o extrapole. O conceito de autogestão, neste caso, é algo novo que busco inserir na realidade da moradia estudantil em Ribeirão Preto, pois atualmente o serviço é totalmente gerido pela administração da Universidade de São Paulo, algo bem diferente do que ocorre em São Carlos, onde os estudantes-moradores são os protagonistas do processo.



Figura 1: *For Lack of Better Places*, Marco Barbieri. Reprodução disponível em: <<https://landscapestories.net/en/archive/2018/cities>>. Acesso em: 11 de julho de 2022.

fundamentação teórica

O alojamento representa tudo que é mais importante nessa etapa da minha vida: a minha única possibilidade de concluir a primeira graduação. O alojamento é o maior produto da permanência estudantil da universidade, porque traz dignidade para quem vive aqui, seja por não ser mais um peso econômico pra família, seja pelas infinitas possibilidades de socialização que temos aqui dentro; a gente se agrupa e se fortalece para poder tentar suprir nossas necessidades fisiológicas e mentais no decorrer de todo esse processo da nossa vida. Não consigo me imaginar sem isso tudo.

Iago, 19, natural de Belo Horizonte_MG.

permanência estudantil na universidade de são paulo

Ano após ano, a Universidade de São Paulo tem se esforçado em ampliar o acesso aos cursos de graduação e os dados mostram isso. Na reunião do Conselho Universitário, realizada em junho de 2015, decidiu-se que a Universidade iria aderir ao Sistema de Seleção Unificada (Sisu) em caráter experimental, passando a valer para o vestibular daquele mesmo ano. Isso representou um momento histórico pois, pela primeira vez desde 1976, o ingresso em cursos de graduação não dependeria exclusivamente da Fuvest, o vestibular próprio da USP. Isso permitiu, pela primeira vez, que estudantes inscritos no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), realizado anualmente pelo Ministério da Educação (MEC), pudessem ingressar na Universidade de São Paulo. Pela primeira vez, também, a Universidade adotou a reserva de vagas como política afirmativa, ao invés do bônus na nota do vestibular, como ocorre na Fuvest.

Naquele ano, foi limitado em 30% o máximo de vagas em cada curso e turno para participar do Sisu e cada unidade teve a opção de aderir ou não ao sistema. No total de 11.057 vagas nos cursos de graduação da USP em 2016, apenas 1.489 foram destinadas ao Sisu (13,5%) e o restante, 9.568, foi destinado à Fuvest (86,5%). Das 42 unidades de ensino e pesquisa da USP, 32 aderiram ao ingresso pelo Sisu, somando, ao todo, 105 cursos participantes, 58% do total oferecido pela Universidade. Dentre as unidades que não participaram do Sisu nesta primeira experiência, destaco o Instituto de Arquitetura e Urbanismo (IAU), que junto da FAU, decidiram não aderir ao sistema por possuírem cursos que exigiam provas de habilidade específica. Além disso, nesse primeiro ano, onze cursos da USP terminaram sem selecionados através do sistema devido à exigência de notas de corte mínimas de 650-700 pontos em cada prova do Enem. O resultado foi que das 1.489



Figura 2: Moradia estudantil da USP São Carlos, vista de fundo. 28 de março de 2021. Fotografia de Luis Soquetti.

vagas destinadas ao Sisu, 10,4% ficaram sem selecionados, sendo as vagas remanescentes direcionadas à Fuvest.

Dois anos depois, em julho de 2017, o Conselho Universitário da USP aprovou a reserva de vagas para alunos de escolas públicas autodeclarados pretos, pardos e indígenas (PPIs) nos cursos de graduação, valendo para o vestibular do mesmo ano. Como consta na Resolução nº 7373, de 10 de julho de 2017¹, as universidades públicas do Estado de São Paulo estabeleceram o compromisso de atingir, até o ano seguinte (2018), a meta de 50% dos ingressantes oriundos de escolas públicas, e, desses, somente 37,5% de alunos pretos, pardos e indígenas. A razão para o estabelecimento dessa meta seria, segundo consta na resolução, a “baixa procura de estudantes de ensino médio de escolas públicas estaduais no concurso vestibular Fuvest”. Em média, desde 2007, o número de inscritos na Fuvest foi de 127.800 alunos de ensino médio, e destes, somente 33% oriundos de escolas públicas.

A reserva de vagas, de 2017 em diante, passou a ser feita de forma progressiva: no ingresso de 2018, foram reservadas 37% das vagas de cada unidade; em 2019, a porcentagem foi de 40% de vagas reservadas; em 2020, a porcentagem aumentou para 45% e a partir de 2021 a reserva deveria atingir 50% por curso e turno.

O gráfico na página ao lado ilustra a evolução da inclusão social² na USP desde que a instituição optou pela reserva de vagas destinadas a estudantes oriundos de escolas públicas. Como se pode observar, em 2021, pela primeira vez, a USP tem mais de 50% de alunos ingressantes vindos dessas escolas. Nesse ano, 51,7% dos alunos matriculados nos cursos de graduação vieram de escolas públicas, e dentre

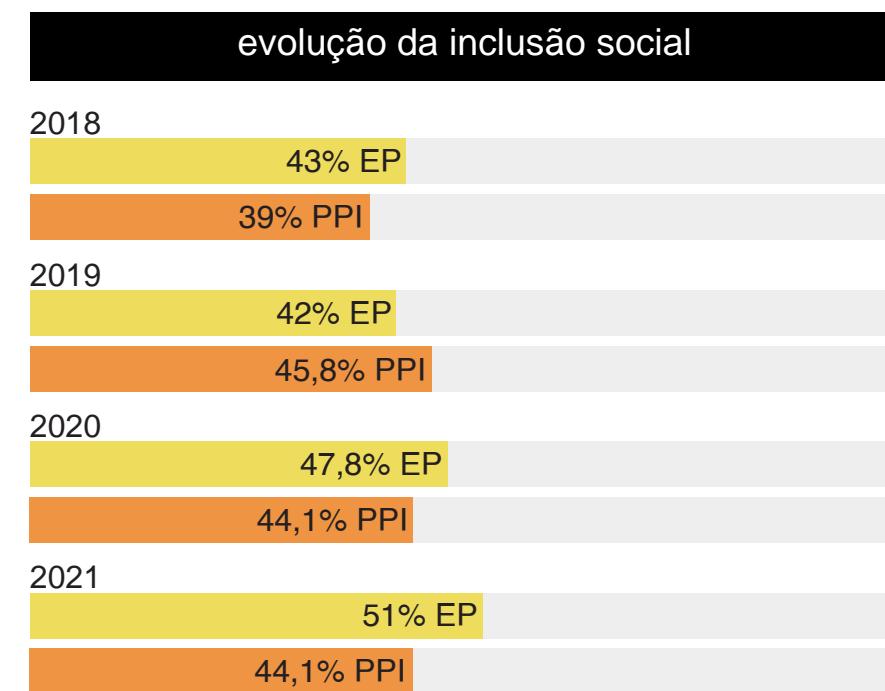


Tabela 1: Evolução da Inclusão Social de 2018 a 2021, na USP. Fonte: USP

eles, 44,1% autodeclarados pretos, pardos e indígenas. Das 10.992 vagas preenchidas, 5.678 correspondem a alunos de escolas públicas e, desses, 2.504 pretos, pardos e indígenas.

É evidente, portanto, que existe um esforço por parte da instituição em ampliar o acesso aos cursos de graduação. Porém, o ingresso no ensino superior é somente uma etapa no processo de formação: o novo estudante da universidade pública, que se situa em uma cidade diferente da sua de origem, se depara com a necessidade de encontrar um lugar para morar. Atualmente, a USP oferece auxílios através do Programa de Apoio à Permanência e Formação Estudantil (PAPFE)³. O estudante em situação de vulnerabilidade econômico-social deve se inscrever no início do ano letivo para poder pleitear as seguintes bolsas:

1 Resolução nº 7373, de 10 de julho de 2017. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://leginf.usp.br/?resolucao=resolucao-no-7373-de-10-de-julho-de-2017>>. Acesso em: 17 de junho de 2022.

2 Em 2021, USP tem mais de 50% de alunos ingressantes vindos de escolas públicas. Jornal da USP, São Paulo, 28 de maio de 2021. Disponível em: <[https://jornal.usp.br/institucional/em-2021-usp-tem-mais-de-50-de-alunos-ingressantes-vindos-de-escolas-publicas/#:~:text=Em%202021%20a%20USP%20registrou,pardos%20e%20indígenas%20\(PPI\).>](https://jornal.usp.br/institucional/em-2021-usp-tem-mais-de-50-de-alunos-ingressantes-vindos-de-escolas-publicas/#:~:text=Em%202021%20a%20USP%20registrou,pardos%20e%20indígenas%20(PPI).)>. Acesso em: 17 de junho de 2022.

3 PAPFE 2022 – Programa de Apoio à Permanência e Formação Estudantil. Prefeitura do Campus USP de São Carlos, São Carlos, 2022. Disponível em: <<http://www.puspse.usp.br/bolsas-e-auxilios/>>. Acesso em: 17 de junho de 2022.

1. Auxílio Livros: apoio financeiro para aquisição de livros na Editora da USP em forma de créditos mensais equivalentes a R\$150,00 por até 24 meses;
2. Auxílio Alimentação: isenção do pagamento de refeições nos Restaurantes Universitários;
3. Auxílio Transporte: auxílio financeiro para custear o deslocamento do aluno da residência até a Universidade;
4. Auxílio Moradia: auxílio financeiro a fim de suprir parte dos gastos com moradia na cidade (não é possível acumular com o Auxílio Transporte), com mensalidades de R\$500,00 por até 24 meses, podendo renovar;
5. Apoio Moradia: vaga gratuita em Moradia Estudantil da USP. A seleção é feita por uma comissão, levando-se em conta a situação socioeconômica do aluno;
6. Auxílio Manutenção: auxílio financeiro de R\$200,00 mensais apenas para alunos da USP Leste (em São Paulo).

Um importante dado sobre os auxílios é que somente em 2021 foi aprovado um reajuste de 25% no valor pago⁴. Até então, o valor era de R\$400,00. Se levamos em consideração a situação econômica na qual o país se encontra, fica evidente que esses valores são muito baixos, principalmente por serem voltados para pessoas que precisam dessa ajuda para se manter dentro da universidade. Para se ter um exemplo, em 2021, na região metropolitana de São Paulo, o custo de vida teve alta de 10% em relação ao ano anterior, a maior alta desde 2015⁵. Evidentemente, o aumento do custo de vida foi maior para as pessoas mais pobres.

⁴ CRUZ, A. Reitoria reajusta em 25% valor das bolsas e auxílios a estudantes com necessidades socioeconômicas. Jornal da USP, São Paulo, 25 de maio de 2021. Disponível em: <[Reitoria reajusta em 25% valor das bolsas e auxílios a estudantes com necessidades socioeconômicas](#)>. Acesso em: 17 de junho de 2022.

⁵ MELLO, D. Custo de vida em São Paulo tem maior alta desde 2015, diz Fecomercio. Agência Brasil, São Paulo, 24 de janeiro de 2022. Economia. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2022-01/custo-de-vida-em-sao-paulo-tem-maior-alta-desde-2015-diz-fecomercio#:~:text=Na%20avaliação%20da%20Fecomercio%2C%20a,longo%20dos%20últimos%20dois%20anos>>. Acesso em: 17 de junho de 2022.

Esse tema, inclusive, tem sido motivo de protesto⁶ por parte dos estudantes da capital. Desde o início do mês de junho, os estudantes estão reivindicando pagamento de auxílios atrasados, reajuste do valor para R\$800,00 mensais e mais vaga na moradia.

Paralelamente, no dia 6 de maio de 2022, houve uma modificação na Resolução nº 7373, aquela de julho de 2017 que aprovou a reserva de vagas para estudantes autodeclarados pretos, pardos e indígenas. A nova Resolução, nº 8231⁷, aprovou o Regimento do Conselho de Inclusão e Pertencimento. Nos objetivos, constam uma série de propostas para garantir a inclusão e o pertencimento, valorização da diversidade e equidade nas relações, acolhimento da diversidade, fortalecimento de ações afirmativas, promoção de saúde mental e respeito aos direitos humanos, e ampliação dos vínculos da USP com a sociedade. Em todo o documento, há 3 menções à moradia estudantil na USP, sem grandes especificações. O que se apreendeu é que compete à Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento (PRIP) a “permanência estudantil, como moradia, alimentação, creches e esportes”. Não há, em todo o documento, nenhuma menção à ampliação de vagas nas moradias ou mesmo construção de novos edifícios.

Por outro lado, a USP busca ser bastante transparente em relação à concessão de auxílios-moradia. Só em 2021, foram 9.834 auxílios concedidos: levando em consideração o valor de R\$500,00 vigente, isso resultaria em um investimento de mais de 4,9 milhões. Já em relação às bolsas de apoio moradia, foram 1.574 concessões em 2021.

⁶ Novo protesto estudantil por moradias na USP será nesta segunda (13/6) no prédio da História. Adusp, São Paulo, 10 de junho de 2022. Disponível em: <<https://www.adusp.org.br/index.php/defesauniv/4522-prot-morest>>. Acesso em: 17 de junho de 2022.

⁷ Resolução nº 8231, de 05 de maio de 2022. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <<https://leginf.usp.br/?resolucao=resolucao-no-8231-de-5-de-maio-de-2022>>. Acesso em: 17 de junho de 2022.

Em novembro de 2022, a Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento apresentou uma proposta de modificação do Programa de Apoio à Permanência e Formação Estudantil, cujo objetivo era “qualificar as ações de permanência estudantil da USP, com recursos orçamentários”. No dia 30 de novembro, houve uma audiência pública⁸ para comunicar a comunidade acadêmica e abrir o espaço para críticas. No documento apresentado aos estudantes, a Pró-Reitoria propõe a criação de uma nova modalidade de auxílio, intitulada Auxílio Permanência, cujo valor é de R\$ 800,00 mensais. O que chamou atenção, no entanto, foi a série de exigências que os estudantes contemplados com o auxílio deveriam cumprir, como concluir a graduação necessariamente em um prazo determinado (intitulado, pela USP, de período ideal de conclusão de curso), realizar atividades de apresentação da universidade em escolas públicas estaduais e apresentar relatórios anuais das atividades realizadas.

Na a audiência pública, feita à distância, muitos estudantes manifestaram seu descontentamento em relação às exigências impostas pela Pró-Reitoria e, em muitas falas, comentaram sobre as condições físicas das moradias estudantis, as quais não foram mencionadas no documento apresentado. O que ficou evidente, novamente, foi a importância que a universidade atribui aos auxílios financeiros em detrimento dos espaços físicos de permanência estudantil.

O quanto efetivo é conceder auxílios mensais para estudantes em situação de vulnerabilidade econômico-social e que precisam viver longe da família para completar os anos de graduação? Para esse perfil de estudante, é preciso pensar em um auxílio que seja integral, para além de ajuda financeira. Em um momento em que a Universidade de São Paulo comemora o fato de mais de

metade de seus novos ingressantes serem oriundos de escolas públicas, se torna urgente pensar em formas mais efetivas de garantir a permanência dessas pessoas dentro da universidade.

Nesse sentido, penso que a moradia estudantil se coloca como uma potencialidade ainda subestimada e o objetivo deste trabalho é justamente provar porque ela pode contribuir de forma integral para a formação do estudante, tanto no âmbito acadêmico quanto pessoal.



Figura 3: Fachada do Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo. Fotografia de Marcos Santos/USP Imagens. Disponível em: <<https://imagens.usp.br/editorias/arquitetura-categorias/crusp/>>. Acesso em: 06 dez. 2022.

⁸ Audiência Pública sobre o PAPFE – Programa de Apoio à Permanência e Formação Estudantil. PRiP - Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento, São Paulo, 2022. Disponível em: <<https://prip.usp.br/audiencia-publica-sobre-o-papfe-programa-de-apoio-a-permanencia-e-formacao-estudantil/>>. Acesso em 06 dez. 2022.

um estudo sobre moradia estudantil e suas potencialidades

Edleusa Garrido, pesquisadora da Universidade Federal da Bahia, realizou um estudo intitulado “A Experiência da Moradia Estudantil Universitária: Impacto sobre seus Moradores”⁹, em que investiga os impactos percebidos por estudantes residentes em moradias estudantis. Além de reunir outros estudos sobre moradia estudantil tanto dentro quanto fora do Brasil, a autora realizou 32 entrevistas com estudantes residentes de 8 moradias vinculadas a duas universidades públicas da Bahia.

Em diversos países, as Instituições de Ensino Superior oferecem moradias estudantis (como é o caso da Austrália, Canadá, Irlanda e Estados Unidos, por exemplo), principalmente para alunos do primeiro ano de graduação, os quais quase sempre têm de pagar por isso. No Brasil, a oferta de moradias visa especialmente o acolhimento de estudantes em situação de vulnerabilidade social, oriundos de cidades distintas das Instituições. (GARRIDO, 2015, p. 728)

Nos Estados Unidos, medidas que visam enriquecer a experiência estudantil nas moradias (como, por exemplo, o caráter arquitetônico das edificações e mobiliário que favoreça interações sociais; programas de aprendizagem e melhorias nos ambientes) são objetos de estudo: neles, constata-se que tais medidas trazem aumento do rendimento acadêmico (Yeung, 2009), persistência no ensino superior (Jacobs & Archie, 2008), adaptação geral e social (Inkelas, Daver, Vogt & Leonard, 2007), senso de comunidade (Devlin et al., 2008) e maior interação social com os pares (Pascarella et al., 1994).

No Brasil, Garrido e Mercuri (2013) revisaram a literatura brasileira sobre o tema das moradias estudantis e constataram que viver nesses lugares coopera na construção da identidade (Berlatto & Sallas, 2008), facilita a aprendizagem de como conviver com a diversidade (Laranjo & Soares, 2006), contribui para a aquisição de habilidades de como enfrentar o preconceito e o estigma de ser morador (Berlatto & Sallas, 2008; Sousa & Sousa, 2009), bem como tem papel relevante na melhoria do desempenho acadêmico (Araújo, 2003). É interessante observar o resultado de tais estudos ao mesmo tempo em que passamos pela criação do Conselho de Inclusão e Pertencimento da USP, pois dentre os objetivos presentes na resolução, relembrando, estão a valorização e o acolhimento da diversidade. Ora, se existem estudos que constatam que viver em moradias estudantis facilita a aprendizagem de como conviver com a diversidade, por que não investir nelas?

Em contrapartida, Garrido e Mercuri (2013) também encontraram problemas relacionados à moradia estudantil, constatando que os moradores se deparam com contratempos diariamente, como problemas estruturais e outros relativos à deficiência e até mesmo ausência de serviços essenciais a um ambiente dessa natureza (Araújo, 2003; Berlatto & Sallas, 2008; Laranjo & Soares, 2006; Sousa & Sousa, 2009). Essas condições são apontadas como causadoras de sofrimento: desconforto pela ausência de privacidade (Paiva & Mendes, 2002), indicativos de ansiedade, depressão e presença de obstáculos pessoais para enfrentamento das dificuldades (Osse & Costa, 2001).

⁹ Ver GARRIDO, E. A Experiência da Moradia Estudantil Universitária: Impactos sobre seus Moradores. *Psicologia Escolar e Educacional*. Brasília, v. 35, nº 3, p. 726-739, set. 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/Q5SWftTqx5QbnYLQFm3LZZb/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 18 de junho de 2022.



Figura 4: Moradia estudantil da Unicamp. Fotografia de Antonio Scarpinetti. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2021/01/20/moradia-estudantil-tera-equipe-propria-para-conservacao-e-aguarda-laudo>>. Acesso em: 06 dez. 2022.

Nas entrevistas realizadas com 32 estudantes residentes de moradias estudantis em universidades públicas da Bahia, Garrido (2015, p. 729) buscou, em 3 domínios diferentes, os impactos que viver nesse tipo de ambiente causa nas pessoas. No domínio pessoal, a autora analisou mudanças relacionadas à aquisição ou ao enfraquecimento de hábitos e habilidades, de características e de processos pessoais no âmbito cognitivo, emocional, prático e financeiro. No domínio social, analisou mudanças referentes à amplitude da rede social do estudante, ao seu envolvimento em atividades diversas de interação social e à sua competência nas relações sociais. Por fim, no domínio acadêmico, a pesquisadora analisou alterações relacionadas à tarefa acadêmica, as quais envolvem mudanças em conhecimento, ganho, fortalecimento ou enfraquecimento de habilidades e cumprimento de compromissos e tarefas e mudanças relacionadas ao desempenho acadêmico. De todas as mudanças constatadas através das entrevistas, 65,92% correspondem a alterações percebidas positivamente, enquanto 34,07% correspondem a alterações percebidas negativamente, as quais merecem atenção.

No geral, Garrido (2015, p. 733-736) constata que a experiência de se viver na moradia estudantil é reconhecida pelos estudantes como propiciadora de mudanças expressivas em diversos domínios de sua formação (pessoal, social e acadêmico), e que o conjunto de condições decorrentes dessa forma de viver tem os influenciado positivamente na aquisição de atributos, habilidades e conhecimentos nos domínios investigados. Houve ganhos no domínio social que evidenciam a importância que têm as interações entre pares para a aquisição de habilidades sociais, demonstrando que a moradia estudantil é um ambiente rico de interações e diverso. A experiência de se viver em uma moradia estudantil favorece, também, não só o amadurecimento como também o ganho de autonomia por parte do estudante, e também o leva a adquirir determinadas competências que podem ser aplicadas em outros contextos ao longo da vida.

Um importante dado levantado nas entrevistas com os moradores foi a quantidade de menções à sensação de saudade de casa, de parentes e familiares, particularmente no período inicial de estadia na moradia. Esse tipo de sofrimento, denominado *homesickness* por Ferraz e Pereira (2002), é desenvolvido por estudantes que deixam seu local de origem para poder frequentar uma Instituição de Ensino Superior (Scopelliti & Tiberio, 2010).

“Sabe-se que esses estudantes separam-se de sua rede social, como todos os demais que saem de casa nos anos de formação. Não obstante, além da necessidade de um lugar para morar, é preciso considerar que outras lacunas de natureza socioeconômica não raras vezes se fazem presentes nesse grupo. Dessa forma, esses estudantes estariam, potencialmente, mais vulneráveis ao desenvolvimento de sentimentos negativos, tais como tristeza, ansiedade e outros, conforme evidenciado em estudos anteriores” (GARRIDO, 2015, p. 735)

Nesse contexto, os medos comuns que os estudantes sentem na ocasião do ingresso na moradia, indicam que esse novo estilo de vida exige uma dupla adaptação: à universidade e ao ambiente da moradia. Além de se adaptar à universidade, os estudantes precisam se integrar também à vida coletiva, compartilhar sua privacidade com pessoas desconhecidas e enfrentar dificuldades estruturais.

Por fim, Garrido (2015, p. 735-736) conclui que as Instituições responsáveis pelas moradias investigadas têm se ocupado em oferecer um lugar para os estudantes se alojarem sem, no entanto, considerar esses espaços como condição favorecedora do enriquecimento da trajetória acadêmica dos estudantes. Fica evidente, também, que é necessário maior contribuição por parte das instituições que oferecem moradia aos estudantes, entendendo esses espaços como potencial formativo para os domínios pessoal, social e acadêmico. Viver em uma moradia estudantil pode ser uma experiência enriquecedora para a vida do estudante, desde que ela seja pensada de forma adequada para seu desenvolvimento.



Figura 5: *Allá cuelga mi vestido o Nueva York*, Frida Kahlo, 1933. Reprodução disponível em: <<https://www.thinglink.com/scene/647504739646308354>>. Acesso em: 11 de julho de 2022.

universidade e experiência de cidade



Figura 6: Moradia estudantil da Unicamp. Fotografia de Stepan Norair Chahinian. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/13.154/4895>>. Acesso em: 06 dez. 2022.

Começo esse tópico escrevendo sobre um estudo que analisa a qualidade de vida dos estudantes que habitam a moradia estudantil da Universidade de São Paulo, campus de Ribeirão Preto, a aproximadamente 315 quilômetros da capital. O estudo é resultado de bolsas de Iniciação Científica concedidas pela Universidade, sob orientação da Profa. Dra. Claudia Souza Passador, da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA-RP). Ressalto, também, que tal projeto de pesquisa foi realizado por bolsistas residentes da moradia estudantil da USP de Ribeirão Preto, numa tentativa de incentivar que os próprios moradores pudessem pesquisar sobre o lugar que vivem, produzindo conhecimento sobre o espaço e contribuindo para o reconhecimento do que existe ali: o que funciona, o que é bom e o que precisa ser melhorado.

No estudo, cujo título é “Qualidade de Vida no Conjunto Residencial dos Estudantes Universitários do Campus USP (CREU) de Ribeirão Preto e Formação de Novas Lideranças”, os bolsistas realizaram um questionário com os 378 residentes do conjunto a respeito sobre experiências de cada um com a moradia. Dos 378, somente 111 responderam, cerca de 29% do total, e os dados coletados correspondem a esse valor quantitativo. Alguns dados merecem atenção:

- Das 111 pessoas que responderam o questionário, 79 avaliam as condições de seus apartamentos de péssimo a razoável, cerca de 71,17%;
- 76 pessoas responderam que um dos problemas mais graves e que exigem providências imediatas na moradia é a manutenção e conservação do edifício, cerca de 68,46%;
- Em relação à frequência com que os moradores permanecem na moradia durante os finais de semana, 9% dos entrevistados ficam em média um fim de semana por mês, 19% ficam em média dois fins de semana por mês, 32% ficam em média três finais de semana por mês e 30% dos entrevistados relataram que permanecem na moradia todos os fins de semana;
- 3.1 Associado a isso, os entrevistados responderam se permanecem na moradia durante as férias ou não: 52,25% permanecem durante o mês de julho, enquanto 54,05% permanecem durante o mês de fevereiro, antes do início do ano letivo.

como você avaliaria as condições do seu apartamento quando se mudou para o CREU?

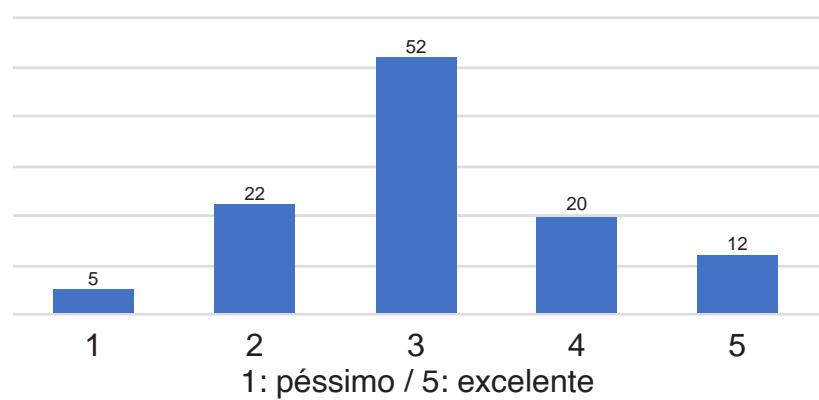


Gráfico 1: Avaliação das condições da moradia na USP de Ribeirão Preto. Fonte: Cláudia Souza Passador, Rafael Oliveira Lima e Tissiane Sarine Bruno.

dois problemas mais graves e que exigem providências imediatas

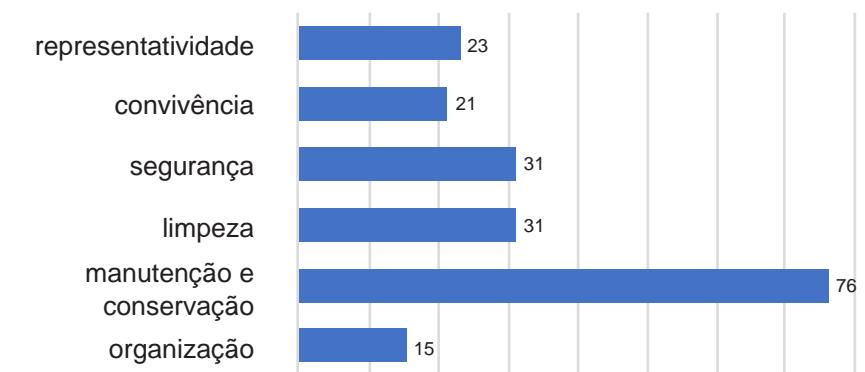


Gráfico 2: Problemas mais graves e que exigem providências imediatas. Fonte: Cláudia Souza Passador, Rafael Oliveira Lima e Tissiane Sarine Bruno.

em média, com que frequência você permanece na USP em finais de semana?

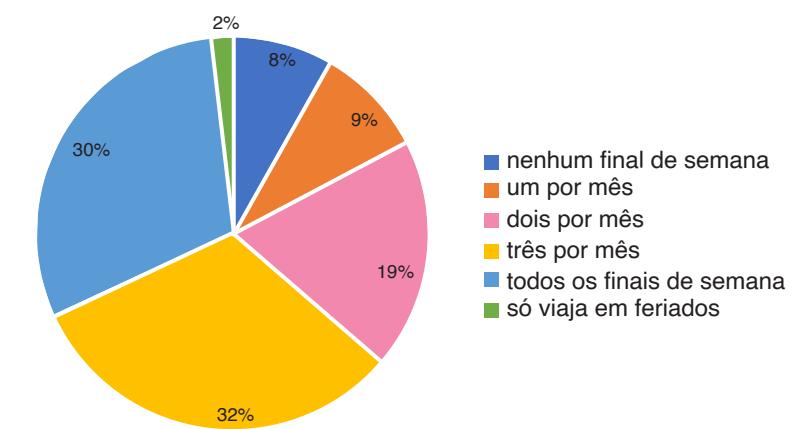


Gráfico 3: Frequência com que os moradores permanecem na moradia aos finais de semana. Fonte: Cláudia Souza Passador, Rafael Oliveira Lima e Tissiane Sarine Bruno.

meses de férias que você permanece na USP

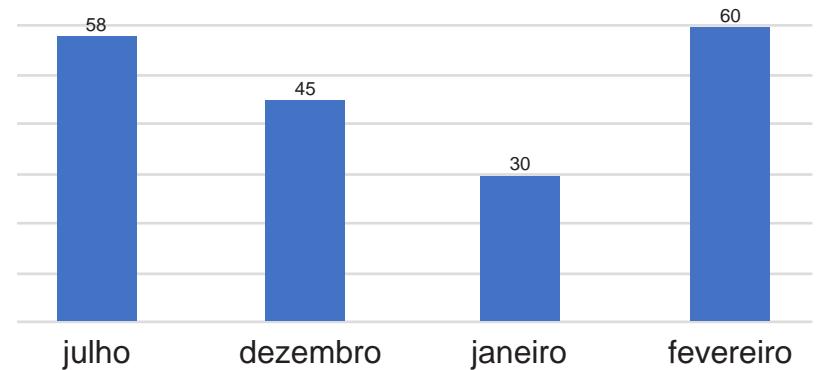


Gráfico 4: Meses de férias em que os estudantes permanecem na moradia. Fonte: Cláudia Souza Passador, Rafael Oliveira Lima e Tissiane Sarine Bruno.

Além desses dados, os estudantes também contribuíram com respostas para além das perguntas realizadas. Quanto ao item 2, eles adicionaram problemas como a falta do funcionamento do Restaurante Universitário aos domingos e feriados e preocupações de caráter emocional. Um outro problema, que merece destaque, foi a falta de oportunidades de lazer principalmente aos fins de semana, pois com a liberação das aulas aos sábados e domingos, o campus se esvazia e os moradores acabam se sentindo mais isolados do que o comum.

Após a coleta dos dados, os bolsistas partiram para ações em conjunto com a Assistência Social e a Prefeitura do campus com o objetivo de propor melhorias a partir dos problemas apontados pelos moradores. Dentre as diversas soluções que buscaram, destaco duas propostas que partiram dos próprios estudantes que responderam o questionário: a criação de uma horta comunitária e a construção de uma pequena praça adjacente a um dos edifícios do conjunto. Os estudantes defendiam que a criação da horta os auxiliaria na plantação de alimentos que seriam consumidos aos fins de semana e feriados, quando o Restaurante Universitário não funciona, enquanto a construção da praça proporcionaria um novo espaço de convivência e reunião entre os vizinhos.

Viver no Aloja me permitiu que mesmo a 2000 km de minha cidade ainda me sentisse em casa e com uma família próxima de mim. Para o estudante pobre e às margens da sociedade que consegue entrar na USP, o único local do campus de São Carlos em que ele encontra espelhos é no Alojamento.

Ada, 19, natural de Imperatriz_MA

localização das moradias estudantis dentro do campus da usp

linhas de ônibus que passam pelo campus da USP

moradias atuais do campus da USP

vila estudantil
blocos G, H, I, J

1,04km

346m

alojamento ii
bloco F

creu
blocos A, B, C, D, E

200m

Escolhi destacar esse estudo e tais propostas dos moradores para atentar à importância que processos participativos possuem na construção e manutenção de um edifício. Mais importante ainda é o fato de que nenhum dos entrevistados estuda na área de arquitetura e urbanismo, por isso, é fundamental entender o que esses olhares leigos querem comunicar. O uso de um edifício é ditado pelo usuário e, muitas vezes, difere do idealizado em projeto. Quem tocou nesse assunto há décadas foi a escritora Jane Jacobs. Jacobs, em *Morte e Vida das Grandes Cidades*, de 1961, critica a diferença que existe entre o projeto de uma cidade e o que ela é na realidade. Abaixo, um relato trazido pela autora que exemplifica uma situação de divergência entre o que o Estado propõe e a real necessidade das pessoas:

No East Harlem de Nova York há um conjunto habitacional com um gramado retangular bem destacado que se tornou alvo da ira dos moradores. Uma assistente social que está sempre no conjunto ficou abismada com o número de vezes que o assunto do gramado veio à baila, em geral gratuitamente, pelo que ela podia perceber, e com a intensidade com que os moradores o detestavam e exigiam que fosse retirado. Quando ela perguntava qual a causa disso, a resposta comum era: "Para que serve?", ou "Quem foi que pediu o gramado?" Por fim, certo dia uma moradora mais bem articulada que os outros disse o seguinte: "Ninguém se interessou em saber o que queríamos quando construíram este lugar. Eles demoliram nossas casas e nos puseram aqui e puseram nossos amigos em outro lugar. Perto daqui não há um único lugar para tomar um café, ou comprar um jornal, ou pedir emprestado alguns trocados. Ninguém se importou com o que precisávamos. Mas os poderosos vêm aqui, olham para esse gramado e dizem: 'Que maravilha! Agora os pobres têm de tudo!'" (Jacobs, 2000, p. 14)

Nesse trecho é possível reconhecer semelhanças com a situação da moradia relatada pelos estudantes. Às vezes, para quem não vive aquela realidade, olhar de uma certa

distância permite acreditar que a moradia é adequada para as pessoas que ali residem. Não significa dizer que o arquiteto e o engenheiro responsáveis são mal-intencionados, apenas que idealizaram algo que, na prática, não funciona em sua totalidade, ou pelo menos não integralmente. De qualquer maneira, com o passar do tempo, o edifício requer adaptações, principalmente se tratando de um local que é moradia provisória de centenas de estudantes. Jacobs atenta para a importância de se reconhecer, no indivíduo que vive aquela realidade, as demandas para um projeto que corresponda às suas necessidades.

No relato, a moradora também comenta sobre a ausência de lugares para realização de atividades comuns, como tomar um café e comprar um jornal. Semelhante ausência foi sentida pelos estudantes que responderam o questionário: aos fins de semana, a sensação de isolamento do mundo aumenta por viverem em um local esvaziado e isso afeta o humor. Se, em Garrido (2015) constata-se que viver em uma moradia estudantil contribui para o ganho de experiência em habilidades de interação social, não parece que viver em meio a enormes espaços verdes e isolados contribua para esse ganho.

A questão do isolamento em meio a áreas verdes aparece na cooperativa de habitação particular Morningside Gardens, localizada em Morningside Heights, em Manhattan, Nova Iorque. O complexo, que hoje também abriga diversos estudantes da Universidade de Columbia, Barnard College e outras escolas menores, foi criticado em sua concepção por Jacobs pelo fato de as áreas verdes servirem como uma barreira que isola a região do restante da cidade. Nele, o vazio se sobressai ao cheio através de uma lógica de separação entre os edifícios e a rua por intermédio das áreas verdes.

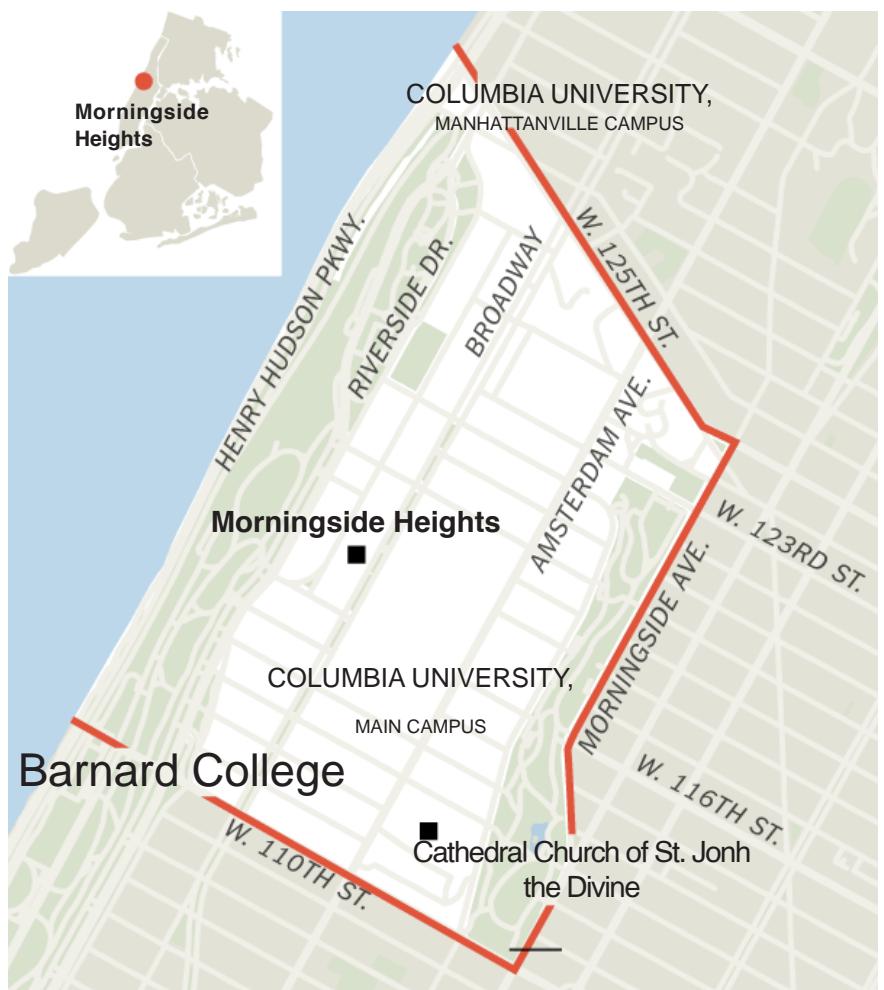


Figura 7: Morningside Heights, região onde se localiza o Morningside Gardens.
Fonte: New York Times.

A situação atual do Morningside Gardens não parece tão complexa se comparada com a realidade do conjunto de moradias do campus da USP de Ribeirão Preto. No primeiro caso, diversos outros edifícios foram construídos ao redor da cooperativa de habitação, a qual, apesar de estar isolada das ruas e da cidade através dos espaços verdes e dos enormes parques no entorno, ainda está inserida em um contexto urbano altamente adensado. No segundo caso, por outro lado, as moradias se encontram em um enorme campus universitário, que ocupa as terras de uma antiga fazenda com área total de 5,86 milhões de metros quadrados, sendo 4,7 milhões de áreas verdes e somente 136,5 mil metros quadrados de área construída. A isso soma-se o fato de o campus estar localizado a cerca de 3 quilômetros de distância do centro da cidade.



Figura 8: Os seis edifícios da cooperativa de habitação particular Morningside Gardens. Foto Karsten Moran/New York Times.

Como, então, proporcionar uma experiência enriquecedora para o habitante de uma moradia estudantil? Talvez, tentar aproximar o estudante do espaço urbano seja um caminho. Talvez, fazer um movimento contrário ao que teóricos como Ebenezer Howard – a quem Jacobs (2000) responsabilizava pela teoria urbanística ortodoxa moderna – propunham para as cidades seja uma alternativa. Ao invés de criar algo novo, idealizar uma situação de equilíbrio entre os espaços livres e espaços construídos, rigidamente e racionalmente calculados, por que não podemos trabalhar com o que existe, com a cidade como ela é hoje? O ponto de partida pode ser o presente, pode ser a realidade concreta. Trato de relembrar as sábias palavras de Florestan Fernandes:

Diferente do senso comum prevalecente na universidade brasileira de hoje, a pertinência social da universidade não resulta apenas de sua dinâmica interna. (...) Toda instituição tem mediações particulares, ritmos próprios, entretanto, tais ritmos não são autodeterminados e autossuficientes. A instituição não surge como “o mundo em si e para si, da reflexão pedagógica, mas como realidade histórico-social” (Fernandes apud LEHER, 2020, p. 26)

Fernandes, em sua célebre obra *Universidade Brasileira: Reforma ou Revolução?*, na qual reúne uma série de ensaios realizados entre 1967 e 1968, no auge do regime militar brasileiro, propõe um novo modelo de universidade, uma universidade multifuncional, a qual:

Tem de exprimir novas concepções educacionais, uma nova mentalidade intelectual e uma nova compreensão das relações da universidade com a sociedade brasileira. Ela traz em seu bojo uma educação voltada para a vida humana nos marcos da civilização baseada na ciência e na tecnologia científica; uma inteligência inquieta, ativa e responsável; bem como um impulso irredutível à democratização de si mesma, da cultura e da

sociedade. (FERNANDES, 2020, p. 113)

Isso significaria, para Fernandes, um enfrentamento do estado de dependência cultural relativa em favor de um estado de autonomia cultural relativa. No contexto da obra, sua intenção era romper com o modelo econômico vigente, fortemente alimentado pelo mercado externo, para que pudesse se instalar uma nova sociedade em que o ensino superior se veria livre da determinação externa e da dependência. Disso decorreria “uma mudança substancial da própria pedagogia universitária, que incorpora o ensino aos outros meios de promover consciência e transformação da realidade nacional” (FERNANDES, 2020, p. 137). Para isso, Fernandes considerava indispensável “adaptar os prédios escolares a condições mínimas de conforto, que deem aos estudantes a possibilidade de organizar a rotina de sua vida dentro das escolas, onde terão de trabalhar e viver” (Fernandes apud LEHER, 2020, p. 29). A arquitetura, portanto, se insere como um meio que propicia a mudança.

No caminho para sua intenção de revolucionar o sistema de ensino superior, Fernandes faz duras críticas ao modelo de universidade conglomerada, isto é, a escola superior tradicional, que está amparada pelas escolas profissionais e da ideologia de profissionais liberais, hoje em dia redimensionados no capitalismo acadêmico. O capitalismo acadêmico, segundo Slaughter & Leslie (1997), se trata da especialização das universidades no comércio de produções científicas. O termo é compreendido pela forma na qual as universidades públicas estavam se adequando às demandas neoliberais em tratar política de educação superior como política econômica (Paula, Costa & Lima, 2020)¹⁰.

10 PAULA, A. S. do N.; COSTA, F. J. F.; LIMA, K. R. R. Diretrizes globais para o capitalismo acadêmico brasileiro dependente: a busca pela construção da World Class University. *Jornal de Políticas Educacionais*. V. 14, n. 02. Janeiro de 2020.

Nesse sentido, a universidade conglomerada era, à época que Fernandes escreveu seus ensaios, o início do desenvolvimento das parcerias público-privado no ensino superior, que hoje se tornaram comuns. A universidade multifuncional, portanto, romperia com esse modelo de comercialização da produção científica, e era esse o caminho que Fernandes traçava. Para tanto, era preciso romper também com o conceito de individualidade em prol de organização coletiva, pois a revolução, como ele pregava, não se faz pelo indivíduo, mas sim, por todo um contingente humano.

E nesse contexto, a moradia estudantil se insere como um potencial capaz de reunir e organizar os estudantes, que são a vanguarda dos movimentos sociais.

O importante da reforma universitária, como movimento social, está em que ela congrega a vanguarda da inteligência moça e a prepara para um novo estilo de vida política. Através dos debates que ela propicia (...) os jovens universitários iniciam, por suas próprias mãos, reformas institucionais (FERNANDES, 2020, p. 49)

É possível começar a pensar em um programa de moradia a partir do que Fernandes traça para a superação do modelo de universidade capitalista. Reconhecer que há uma valorização da individualidade no modelo de sociedade atual é, também, um ponto de partida para propor mudanças a partir da arquitetura. Ele afirma que “está claro que na civilização industrial e na sociedade competitiva correspondente, o individualismo e o egoísmo se afirmam como um valor – são os ingredientes psicossociais da competição e da ânsia de mobilidade vertical” (FERNANDES, p. 52). Dessa forma, é importante pensar em espaços que propiciem o **encontro, a reunião, o debate e a organização dos estudantes**. Mais do que isso, os estudantes precisam estar em contato com a cidade em que vivem.

Talvez, conquistar a mudança que Fernandes propunha, revolucionar o modelo econômico vigente e, consequentemente, revolucionar o modelo de produção científica e cultural seja um objetivo um tanto distante, e até mesmo utópico, no entanto, o mínimo que podemos fazer para começar a pensar em mudar a realidade é, de fato, estreitar os laços da universidade com a sociedade. Se entendemos a instituição como fruto da realidade histórico-social em que ela se insere, é urgente pensar em sua abertura para o exterior, rompendo com as barreiras físicas e ideológicas que existem entre a academia e a sociedade. É preciso expor os estudantes à realidade fora da bolha universitária.

Vale lembrar do episódio conhecido como Maio de 68, na França, quando o movimento estudantil se uniu com o movimento dos trabalhadores e protestaram, lado a lado, contra o sistema educacional e o governo francês da época. Foi nesse mesmo período que Fernandes escrevia sobre as universidades brasileiras. Para movimentos de tamanha adesão como esse acontecerem, é preciso que os membros se organizem e, nesse sentido, os espaços que proporcionam tal tipo de organização se tornam essenciais. Construir espaços que favoreçam a união, o debate de ideias e a organização dos estudantes é importante para fortalecer o movimento estudantil.



Figura 9: Pôster de Maio de 68, França. Autor não identificado. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b9018370r?rk=21459&2>>. Acesso em: 6 dez. 2022.

contextualização

O alojamento representa, para mim, o aconchego e a identificação das minhas raízes e vivências com os demais moradores, visto que muitas vezes é difícil encontrar isso nos diversos espaços da universidade.

Vitor, 20, natural de Jandira_SP

a califórnia brasileira

No final do século XIX, após a demarcação do patrimônio de São Sebastião em 1856, começa a se desenvolver uma urbanização significativa na região do norte paulista. Isso ocorreu como consequência da expansão cafeeira pelo interior do estado de São Paulo, a qual gerou, no ano de 1887, a implantação do núcleo colonial Antônio Prado (Manhas, 2022). Ali, localizava-se a moradia dos imigrantes italianos que trabalhavam na lavoura de café. Um pouco abaixo, entre os cursos d'água do rio Ribeirão Preto e o córrego do Retiro Saudoso, surgiram os primeiros arruamentos, praças e arborização, igrejas, teatros, casas comerciais e as residências das famílias abastadas, no local que passou a ser chamado de quadrilátero central – região hoje compreendida pelas avenidas Jerônimo Gonçalves, Francisco Junqueira, Independência e Nove de Julho –, denominado patrimônio da Matriz de São Sebastião do Ribeirão Preto (Registro, 2022).

O início da modernização em Ribeirão Preto começou, de fato, após a construção da Estrada de Ferro Mogiana, em 1883, em função da expansão cafeeira. A partir daí, teve início uma série de obras de infraestrutura, como a retificação dos primeiros trechos do rio Ribeirão Preto, entre 1883 e 1884, que permitiu a ampliação da área central. Logo, foram realizadas obras para canalização de água em 1897, além do estabelecimento do Serviço de Higiene e Desinfecção (tendo como anexos o Serviço de Limpeza Pública e o Serviço de Arborização de Ruas), luz elétrica e diversas outras melhorias – somente para o quadrilátero central (Manhas, 2022).

O urbanismo sanitário foi responsável pelo desenvolvimento do povoado nesse período. Através de soluções técnicas, como a construção de vias diagonais para circulação dos ventos e obras de saneamento, o Estado desenhava o espaço urbano e definia normas morais para

funcionamento das casas, de maneira a estabelecer uma possível ordem que permitisse, ao povoado, manter os níveis de higiene e salubridade desejados. Entre as soluções técnicas, estavam incluídas, também, a setorização dos equipamentos, de modo que na região central deveriam ficar apenas as residências e edifícios de representação do poder público; já hospitais, cemitérios e tudo o que pudesse causar doenças, deveriam ser afastados do contato com a população, bem como as fábricas e demais agentes poluentes (Manhas, 2022).



Figura 10: Vista da Praça XV e Rua General Osorio. Detalhe da praça XV de Novembro vista a partir da rua Álvares Cabral e ao lado direito a rua General Osório. **Photo Sport, 1935.**



Quarteirão Paulista—Rib. Prelo—Photo Sport

Figura 11: Palacete Meira Júnior, Theatro Pedro II e Central Hotel vistos a partir da rua General Osório. Vista de parte da Praça XV. Um garoto transita no passeio da praça. **Photo Sport, 1935.**

Nas primeiras décadas do século XX, pode-se observar o princípio de uma nova fase para as transformações urbanas na cidade, quando traços de modernidade emergiram dos contornos dos edifícios com dois ou três pavimentos, que acabaram por delinear um novo perfil para a cidade, ainda predominantemente térrea. No início da década de 1920, uma mudança na legislação urbanística marcou os rumos do desenvolvimento da cidade em direção à verticalização. Naquela época, foi criada uma Resolução Municipal que

ao definir a obrigatoriedade de que novas construções erigidas em trechos de uma determinada rua do centro da cidade possuíssem, no mínimo, dois pavimentos, evidenciou o desejo de renovação dessa região que desde a virada do século XIX já recebia maior atenção do Poder Público e iniciativas pontuais de edifícios com maior altura (GASPAR, 2022, p. 57)

Nessa mesma época, o entorno da Praça XV de Novembro, além de concentrar grande número de comércios, serviços e espaços de lazer e cultura voltados à população mais abastada, passou a ser também o centro financeiro e foi eleito como prioritário para o início da verticalização em Ribeirão Preto. Foi ali que se construiu o conjunto arquitetônico denominado Quarteirão Paulista, concebido em 1929 por Hyppolito Gustavo Pujol Junior para a Cia. Cervejaria Paulista. Ocupando parte da quadra entre as ruas Álvares Cabral e General Osório, defronte à Praça XV de Novembro, o Quarteirão Paulista foi formado pelo Theatro Pedro II, edifício de escritórios Meira Júnior e Palace Hotel.

Foi a rua General Osório, a qual, desde a instalação da Estação Mogiana, em 1883, até a década de 1930, concentrou o maior número de negociações imobiliárias não residenciais, conforme verificado por Oliveira (2006). A partir da execução da Resolução Municipal nº 841, de 1920, a rua também teve proibida a “construção e reconstrução de predios dum só andar”, obrigando que tivessem, no mínimo, dois pavimentos, contando com o térreo, no trecho entre as ruas Jerônimo Gonçalves e Tibiriçá. No ano seguinte, a imposição do número mínimo de pavimentos para as novas construções se ampliou até a rua Barão do Amazonas e incorporou os terrenos em frente à Praça XV de Novembro. Na rua General Osório foi onde se concentrou a maior ocorrência de empreendimentos verticalizados.

Dali até 1934, a maioria dos projetos aprovados para a região central foi destinada exclusivamente à função habitacional permanente e, entre esses, mais de 80% eram unifamiliares. Esses edifícios eram ocupados pela elite que, pouco a pouco, saía das adjacências do antigo Largo da Matriz para residir nas áreas acima da Praça 13 de Maio, estabelecidas até seu limite com a Avenida Independência (Gaspar, 2022). Os demais projetos para a região, de uso não residencial, tiveram finalidades diversas, como comércios, instituições de ensino, cinemas, bancos, depósito, hotéis, garagens, indústrias e, na maioria dos casos, usos mistos. Os edifícios com esses demais usos se localizavam principalmente na rua General Osório e vias transversais, na rua Álvares Cabral e Avenida Jerônimo Gonçalves.



Figura 12: Vista aérea de Ribeirão Preto. Trecho entre a Praça XV de Novembro, Avenida Francisco Junqueira, Rua Garibaldi e Rua São Sebastião. **Rubens Menezes, 1978.**

Todas as edificações aprovadas e construídas nesse período seguiam o sistema construtivo descrito no Código de Posturas, elaborado em 1921, que se baseava, principalmente, na sobreposição das paredes, que poderiam ser construídas de tijolos ou pedras e tinham suas espessuras definidas a partir da largura do edifício e do pavimento em que se encontravam e das funções estruturais que possuíam. Apenas para edifícios de diversos andares e mais de dez metros de largura, admitia-se que as paredes divisórias ou vigas fossem apoiadas em colunas ou pilares. A utilização do concreto armado já era uma realidade em diversas edificações construídas com mais de um pavimento na cidade.

Nas décadas de 1940 e 1950, o centro assistiu a um deslocamento do comércio de luxo, que passou a se localizar em direção ao setor sul, onde novos bairros de alta renda eram implantados. Esse processo de expansão se expressa na constituição de um eixo de comércio de luxo, ao longo da rua Barão do Amazonas, no trecho entre cias bancárias foram sendo implantadas, prenunciando a formação de um novo setor bancário. Observou-se, também, que o centro passou a perder, gradativamente, participação no total das empresas localizadas em Ribeirão Preto. No ano de 1970, o quadrilátero central abrigava 33,6% do total de empresas, já em 1980, essa participação se reduz a 28,9%. Por outro lado, a região passou a liderar na ocupação de serviços de saúde e sociais (19%), seguidos de serviços prestados às empresas (17,8%), e lojas especializadas (13%). Ao mesmo tempo, houve crescimento de outros serviços coletivos e pessoais (8,7%).

Calil (2003) afirma que os processos de expansão do centro de Ribeirão Preto se expressam, espacialmente, através da incorporação de novas áreas e intensificação de atividades no mesmo local. De fins do século XIX até 1960, o processo de expansão se verifica por 3 momentos: o primeiro compreende o período final do século XIX até 1920, a partir da implantação da Estação Mogiana, no início da rua General Osório; o segundo momento, em 1920, seria o início do processo de deslocamento das moradias das camadas de alta renda do centro para as áreas



Figura 13: Vista aérea de Ribeirão Preto em 1978. Trecho entre a rua São José, a rua Mariana Junqueira, a avenida Jerônimo Gonçalves e Rodoviária. Fonte: APHRP.

contíguas, mais a sul, a construção do Quarteirão Paulista e a construção do Edifício Diederichsen; e o terceiro momento seria entre 1940 e o final da década de 1960, com a construção da Prefeitura, as Secretarias Municipais, a Câmara dos Vereadores, o Fórum, a Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto, a Catedral, o Palácio Episcopal, o teatro, os cinemas, restaurantes, o comércio e serviços de luxo, além do crescimento do comércio popular diversificado e a verticalização do centro.

De 1960 a 2002, o centro não se expande e se populariza, conforme Calil (2003). Os deslocamentos das classes de alta renda em direção ao sul, com a implantação de novos loteamentos entre 1960 e 1970, como Ribeirânia, City Ribeirão e Jardim Canadá. No setor da Praça XV de Novembro, começa a acontecer um esvaziamento devido ao progressivo deslocamento das classes de alta renda e, consequentemente, do comércio de luxo para outras áreas. De 1980 a 1990, a predominância de investimentos em loteamentos e condomínios fechados para as classes de alta renda se concentrou no vetor sul, consolidando a área como moradia deste segmento social. O processo de expansão do centro, então, é interrompido, e o comércio e os serviços existentes passam a atender à população de baixa renda. A região começa a modificar seu caráter e permanece como centro apenas por abrigar locais simbólicos à origem da cidade de Ribeirão Preto.

Calil (2003) também verifica uma similaridade entre o processo registrado em Ribeirão Preto e nas metrópoles: primeiro pela tendência de deslocamentos das camadas de alta renda em direção ao Sul, segundo pela atração que essas camadas exercem sobre o comércio e serviços de luxo. Nas metrópoles, Villaça (1978) verificou que os processos de Recife e Rio de Janeiro se antecedem em aproximadamente 70 anos, e em São Paulo e Belo Horizonte se antecedem em 30.

Hoje em dia, como resultado dessas transformações observadas, o centro se mantém predominantemente como abrigo de comércio, serviços e uso misto, e mais ao sul da região se concentram os edifícios habitacionais. Para além

disso, existe também uma série de edifícios construídos no início da expansão da região que hoje em dia tornaram-se obsoletos, em sua grande parte propriedades privadas que se tornaram patrimônio devido a seu valor arquitetônico.



Figura 14: Córrego Ribeirão Preto na avenida Jerônimo Gonçalves, tendo ao lado esquerdo o Hotel Aurora e o Hotel Brasil. No passeio da avenida estão plantadas mudas das palmeiras imperiais. Photo Sport, 1935.

um hotel abandonado

À esquina da rua General Osório (atual nº 20) com a avenida Jerônimo Gonçalves (atual nº 463), em uma das margens do quadrilátero central de Ribeirão Preto, situa-se um lote com 746,32 metros quadrados, e dentro desse lote, um edifício de caráter eclético que foi, por muito tempo, cartão postal da cidade. Em abril de 1921, à luz da primeira Resolução Municipal que incentivava a construção de edifícios com no mínimo dois pavimentos na região central, Vicente Viccari encaminhou à Prefeitura Municipal um pedido para aprovação do projeto de construção de um grande hotel. O projeto, de autoria do engenheiro Antônio Soares Romêo, foi aprovado pelo então prefeito João Rodrigues Guião, no mesmo ano do pedido (Rossin, 2016), mas acabou não sendo executado.

Ao final da década, em 1929, Vicente Viccari encaminhou outro pedido para aprovação de construção do Hotel, desta vez com uma nova proposta de uso. No projeto de 1921, o térreo era destinado ao comércio, com grandes salas e banheiros de apoio. Nos demais pavimentos, haviam inúmeros quartos para hospedagem e uma sala de jantar. No novo projeto, de 1929, que desta vez foi executado, o térreo perdeu parte de sua função comercial, limitando-se a três grandes salas, sendo o restante destinado ao uso social.

Com o falecimento de Vicente Viccari, o edifício foi legado em herança para sua filha, casada com Pedro Moschini. Daí em diante, o Hotel passou por vários proprietários. No testamento deixado por Viccari, contudo, havia uma cláusula que não permitia a venda do mesmo, de tal forma que seu genro, Pedro Moschini, permutou o edifício com Pedro Biagi, em troca de três imóveis na Vila Amélia (localizada no antigo Núcleo Antônio Prado, à oeste do quadrilátero central) e uma chácara. No final da década de 1980 o



Figura 15: Rua General Osório, vista a partir da Av. Jerônimo Gonçalves. Na esquerda, segundo prédio, Pensão Familiar. Na direita, primeiro prédio, uma Confeitaria e, logo a frente, Hotel Brazil e Hotel Viajantes. **Flósculo de Magalhães, 1910.**



Figura 16: Rua General Osório, vista a partir da Av. Jerônimo Gonçalves durante enchente do Ribeirão Preto, em 1927. Carro e carroças, pessoas junto aos prédios. Na direita vista do Hotel Brazil e Hotel Modelo. Na esquerda Pharmacia Reis, Hotel São Paulo e Pensionato Settimo Magrini. Rua alagada até a as proximidades da rua José Bonifácio. **Aristides Motta, 07 de março de 1927.**



Figura 17: Rua General Osório, próximo ao Hotel Modelo e Hotel Brazil. No fundo, Av. Jerônimo Gonçalves e Estação da Cia. Mogiana, durante enchente do Ribeirão Preto, em 1927. **Aristides Motta, 07 de março de 1927.**



Figura 18: Rua General Osório durante enchente de 1927. Em primeiro plano, na direita, dois garotos e prédio do Bazar Central 36, esquina com Rua José Bonifácio. Na esquerda, prédio do Bazar 19 - Casa Jacob - armário e chapéus; prédio da Casa Victoria; Hotel Modelo e Hotel Brazil. No fundo, Estação Ribeirão Preto da Cia. Mogiana e Avenida Jerônimo Gonçalves. **Foto Bayer, 1927.**

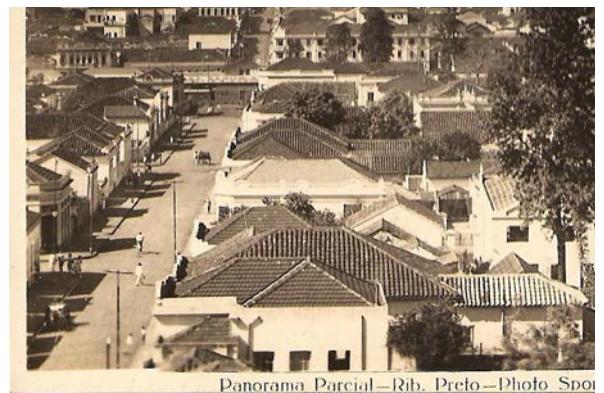


Figura 20: Vista da cidade tirada da torre da Cia. Antarctica Paulista, tendo ao fundo à direita a Catedral, e ao fundo à esquerda o Theatro Pedro II. Vista da parte posterior da Estação Ribeirão Preto da Cia. Mogiana que interrompe a passagem para a Rua General Osório. **Photo Sport, 1935.**



Figura 21: Córrego ribeirão Preto na avenida Jerônimo Gonçalves, tendo ao lado esquerdo o Hotel Aurora e o Hotel Brasil. No passeio da avenida estão plantadas mudas das palmeiras imperiais. **Photo Sport, 1935.**



Figura 22: Cais da Avenida J. Gonçalves – no fundo, à esquerda, prédio do Hotel Brasil. **Foto Esporte/ Livraria Católica Ltda., 1940-50.**



Figura 19: Rua General Osório vista a partir da Avenida Jerônimo Gonçalves. À direita, prédio do Hotel Brasil. **Autor não identificado, 1956.**

edifício foi vendido para o empresário Maurício Marcondes de Oliveira.

Ainda na década de 1930, o edifício foi arrendado por José Antonio Chinez, imigrante chinês. Posteriormente foi arrendado por Pedro Sinivaldi, imigrante italiano e, depois, por Antonio Sacramento, imigrante português que locou o hotel até 1945. Em seguida, os irmãos da família Belíssimo – José, Felipe e Antonio – permaneceram à frente dos negócios até falecerem. Mais tarde, os filhos de Antonio Belíssimo – Paulo, José e Luiz – ficaram como sucessores do arrendamento até o ano de 1982. O último locatário do Hotel Brasil foi Sebastião Gualberto Machado e seus filhos Marco e João Gualberto, proprietários da organização Hoteleira Machado de Campos Ltda.).

Por força da Lei Municipal nº 6.067, de 21 de agosto de 1991, o edifício do Hotel Brasil foi considerado de valor histórico e arquitetônico. Em 2009, 18 anos depois, Cláudio Henrique Bauso, arquiteto e urbanista, solicitou ao Conselho de Preservação do Patrimônio Cultural (CONPPAC) o tombamento do edifício, que foi aprovado pelo Conselho em 7 de abril do mesmo ano.

Desde 1993 o Hotel Brasil, ora cartão postal da cidade, encontra-se desocupado. Em 2012¹¹, o portal de notícias G1 procurou a família Marcondes, a quem o edifício pertence e, em nota, afirmaram que possuem interesse na revitalização do local, de modo a “manter suas características originais e incentivar seu potencial cultural”, no entanto, não houve nenhum acordo firmado com a Prefeitura tampouco com o Conselho de Preservação do Patrimônio. Em 2010¹², segundo Cláudio Bauso, arquiteto responsável pelo tombamento do edifício, houve uma tentativa de reocupação do espaço, com a prefeitura da cidade tentando realizar uma permuta com o proprietário para instalar um centro cultural no local, mas nada foi resolvido.

¹¹ Restauro de hotel histórico em Ribeirão Preto tem data indefinida. G1, Ribeirão Preto, 24 de abril de 2012. Ribeirão e Franca. Disponível em: < <https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2012/04/restauro-de-hotel-historico-em-ribeirao-preto-tem-data-indefinida.html> >. Acesso em: 19 de junho de 2022.

¹² Hotel Brasil na mira do MPE. Tribuna, Ribeirão Preto, 17 de setembro de 2019. Disponível em: < <https://www.tribunaribeirao.com.br/site/hotel-brasil-na-mira-do-mpe-2/> >. Acesso em: 19 de junho de 2022.

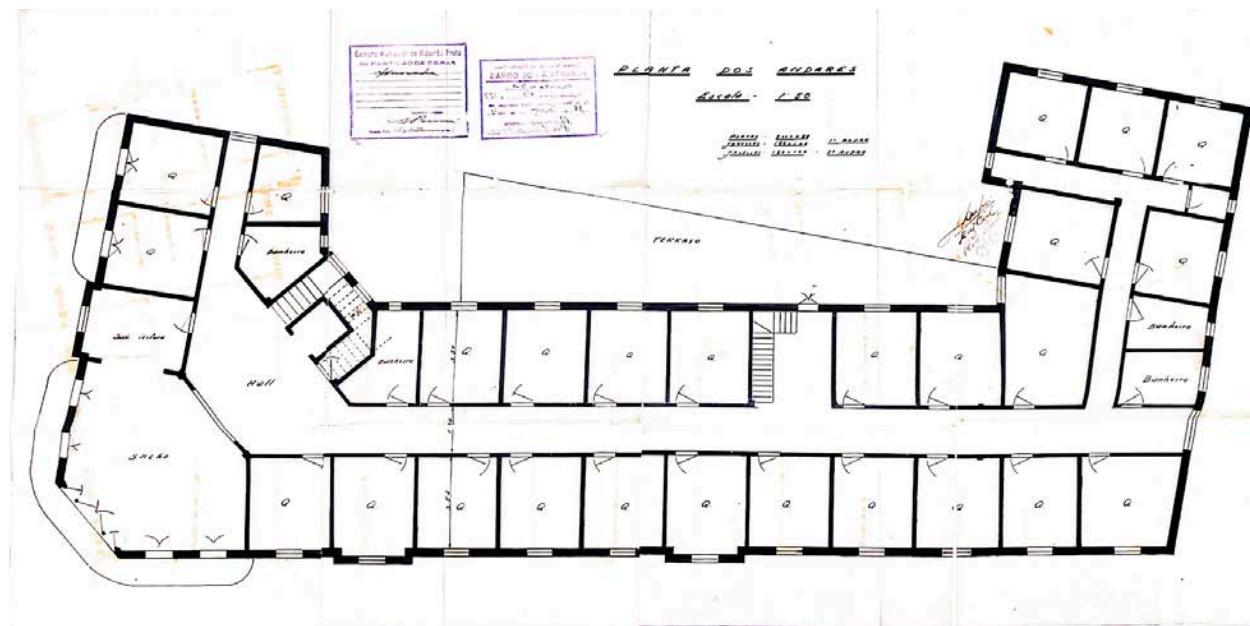


Figura 23: Planta baixa do pavimento-tipo. Fonte: APHRP.

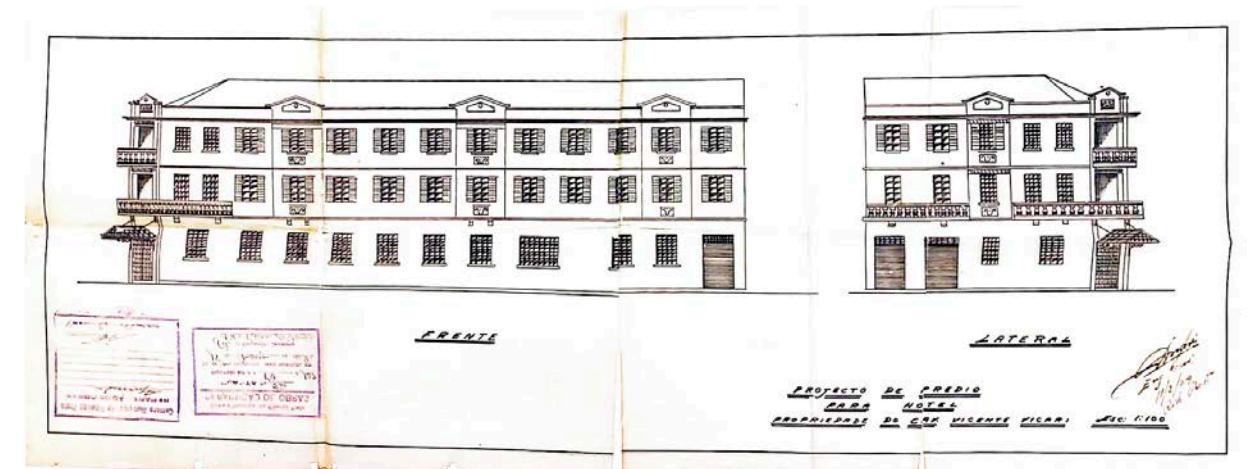


Figura 24: Elevações frontal e lateral do edifício. Fonte: APHRP.



Figura 25: Hotel Brasil visto a partir da avenida Jerônimo Gonçalves, 14 de outubro de 2022. Autoria própria.



Figura 26: Foto-montagem da planta de locação das colunas e principais vigas do pavimento térreo. Fonte: APHRP.

recuperar e reativar

Todas as vezes que passei em frente ao Hotel Brasil – o que não é incomum devido à sua localização no centro da cidade – ele sempre esteve desocupado. Há muitos anos, talvez uma década, notei que passaram a cobrir o edifício com uma tela verde, aquelas telas com que cobrem edifícios que estão em obras. Mas as obras nunca ocorreram. Na verdade, a única obra que operou sobre o Hotel Brasil foi o tempo, e ele não tem sido bom, haja vista a aparência atual do edifício. Seria ingenuidade demais de nossa parte, no entanto, torcer para que o tempo seja ainda mais generoso do que é, afinal ele já está o sendo: passaram-se 29 anos desde a desativação do prédio e ele ainda se mantém de pé. Talvez o sistema construtivo tenha contribuído para isso: a separação da estrutura em relação às vedações permitiu maior liberdade no desenho das plantas, e as paredes externas com 30 centímetros de largura oferecem uma excelente proteção contra as intempéries externas.

Ao longo de minhas buscas sobre a história do Hotel, acabei encontrando também projetos de renovação e reabilitação para o local. Em sua maioria, os projetos propunham transformar o local em um centro cultural, em um centro de convivência, numa tentativa de estabelecer maior contato entre o Hotel e a região que o circunda. Como este trabalho trata sobre moradia, mais especificamente, a moradia estudantil gratuita, o objetivo torna-se propor um projeto que atenda às necessidades que um edifício de tal natureza demanda. E, tentando seguir o que Jane Jacobs dizia, busquei me atentar para a realidade como ela é e trabalhar com o que existe. É claro que existe, também, a possibilidade de criar algo novo, do zero, ideal, mas não poderia ser de outra forma: aqui, estou partindo de minha experiência como morador de uma habitação estudantil da USP de São Carlos, e tal habitação foi fruto de reivindicações, ou melhor, de ocupações.

Não seria coerente com minha experiência somente criar algo totalmente novo, uma vez que no seio do *aloja* está a ocupação.

Esse ano, mais do que nunca, a ocupação de edifícios em estado de obsolescência deve ser discutida e praticada. Enquanto o segmento da construção civil teve alta¹³ em plena pandemia de Covid-19, o déficit habitacional no Brasil cresce, ano após ano, já tendo atingido mais de 6 milhões de moradias¹⁴. E em um centro todo ocupado por comércio, serviços e habitação como o de Ribeirão Preto, propor a reativação de uma preexistência arquitetônica parece um desafio interessante.

Para poder trabalhar com um edifício desocupado há quase 30 anos, cuja fachada se encontra bem diferente do que ele foi no passado, é preciso considerar a pertinência do restauro diante de tal situação. O que percebi, a partir dos projetos de reabilitação existentes, do edifício, foram tentativas de remoção das imperfeições adquiridas com a ação do tempo, em busca por um retorno ao que o Hotel era inicialmente, em sua materialidade. Brandi (2008, p. 61) diz o seguinte:

A restauração, para representar uma operação legítima, não deverá presumir nem o tempo como reversível, nem a abolição da história. A ação de restauros, ademais, e pela mesma exigência que impõe o respeito da complexa historicidade que compete à obra de arte, não se deverá colocar como secreta e quase fora do tempo, mas deverá ser pontuada como evento histórico tal como o é, pelo fato de ser ato humano e de se inserir no processo de transmissão da obra de arte para o futuro.

(BRANDI, 2008, p.61)

13 QUINTÃO, C. Construção terá maior crescimento em dez anos em 2021, aponta CBIC. Valor Investe, São Paulo, 13 de dezembro de 2021. Disponível em: <<https://valorinveste.globo.com/mercados/brasil-e-politica/noticia/2021/12/13/construcao-tera-maior-crescimento-em-dez-anos-em-2021-aponta-cbic.ghtml>>. Acesso em: 19 de junho de 2022.

14 VIECELI, L. Crise econômica deve elevar déficit habitacional para 6,1 milhões de moradias no país, diz estudo. Folha de São Paulo, Rio de Janeiro, 17 de setembro de 2021

A partir desse ponto de vista, não parece justo tentar apagar os quase 30 anos que se passaram desde a desocupação do edifício. Obviamente, não se trata de manter o aspecto de decadência, mas entender que a restauração irá preparar o prédio para um novo uso, a partir do que se tem hoje, e que ela não necessariamente precisa se constituir de uma maquiagem, tampouco recriar o Hotel Brasil como ele era quando estava em pleno funcionamento. A restauração, nesse caso, é somente uma modificação no edifício no presente em que ele se encontra, e não tem o compromisso de se manter como a única iniciativa de modificação. Pelo contrário, com o passar do tempo, novos usos demandam novas adaptações ao edifício, e é interessante que elas fiquem marcadas. A restauração, dessa forma, se torna um símbolo da ação antrópica de seu tempo.

Dessa forma, neste trabalho, proponho trabalhar com a recuperação e reativação, levando em consideração as especificidades do programa de uma habitação estudantil. A partir de preexistências, busco inserir os estudantes, que vêm das mais diversas localidades até Ribeirão Preto, em um contexto urbano central, o qual teve seu momento de expansão, de decadência, e agora precisa de iniciativas de revitalização. A moradia estudantil já impacta, por si só, a vida das pessoas que vivem nesse ambiente, quando inseridas dentro de um campus universitário; agora, em um contexto urbano, tornam-se infinitas as possibilidades de novas experiências que os estudantes irão adquirir, para além de apenas estudar. O conhecimento, dessa forma, virá tanto da academia quanto da experiência de se viver na cidade.

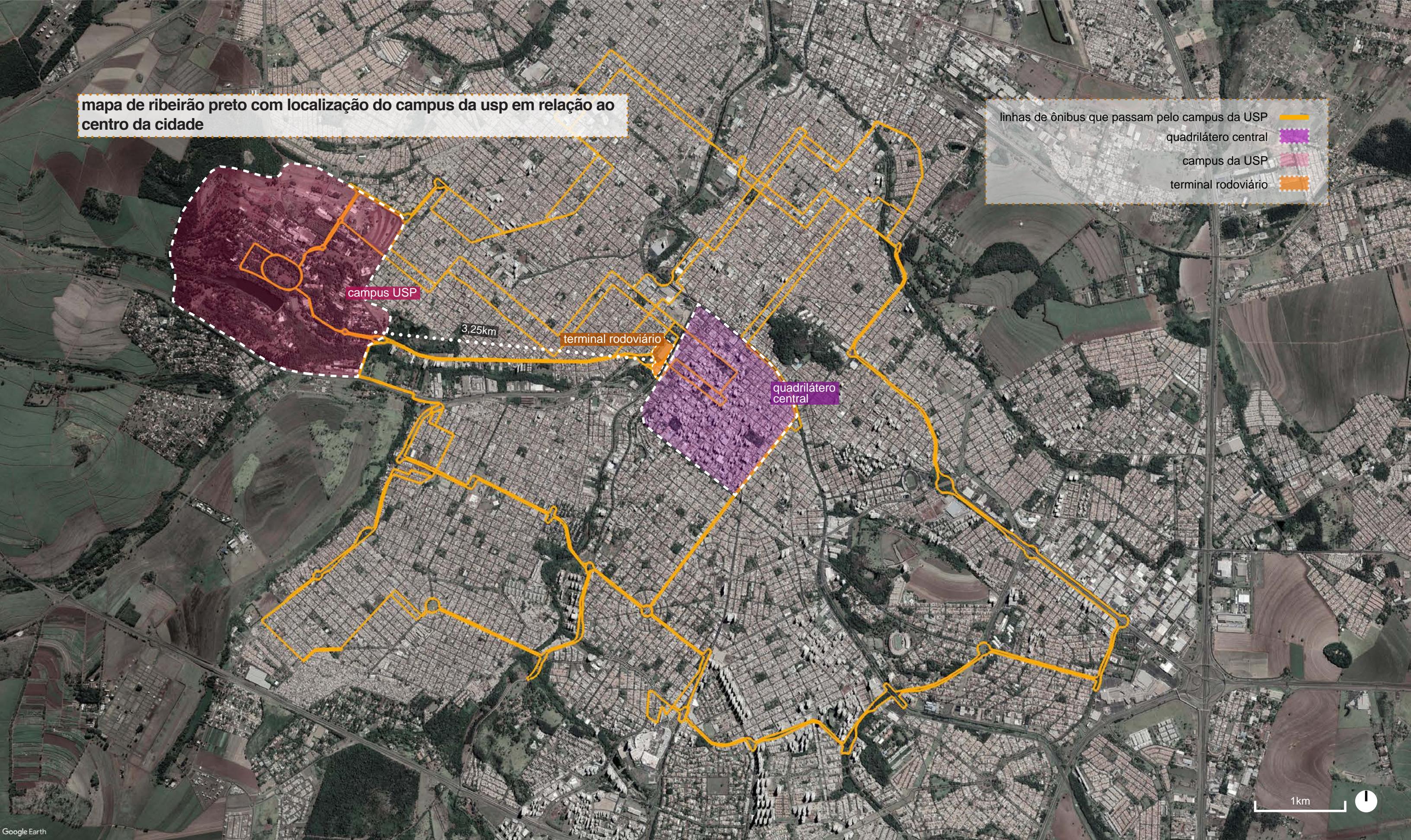


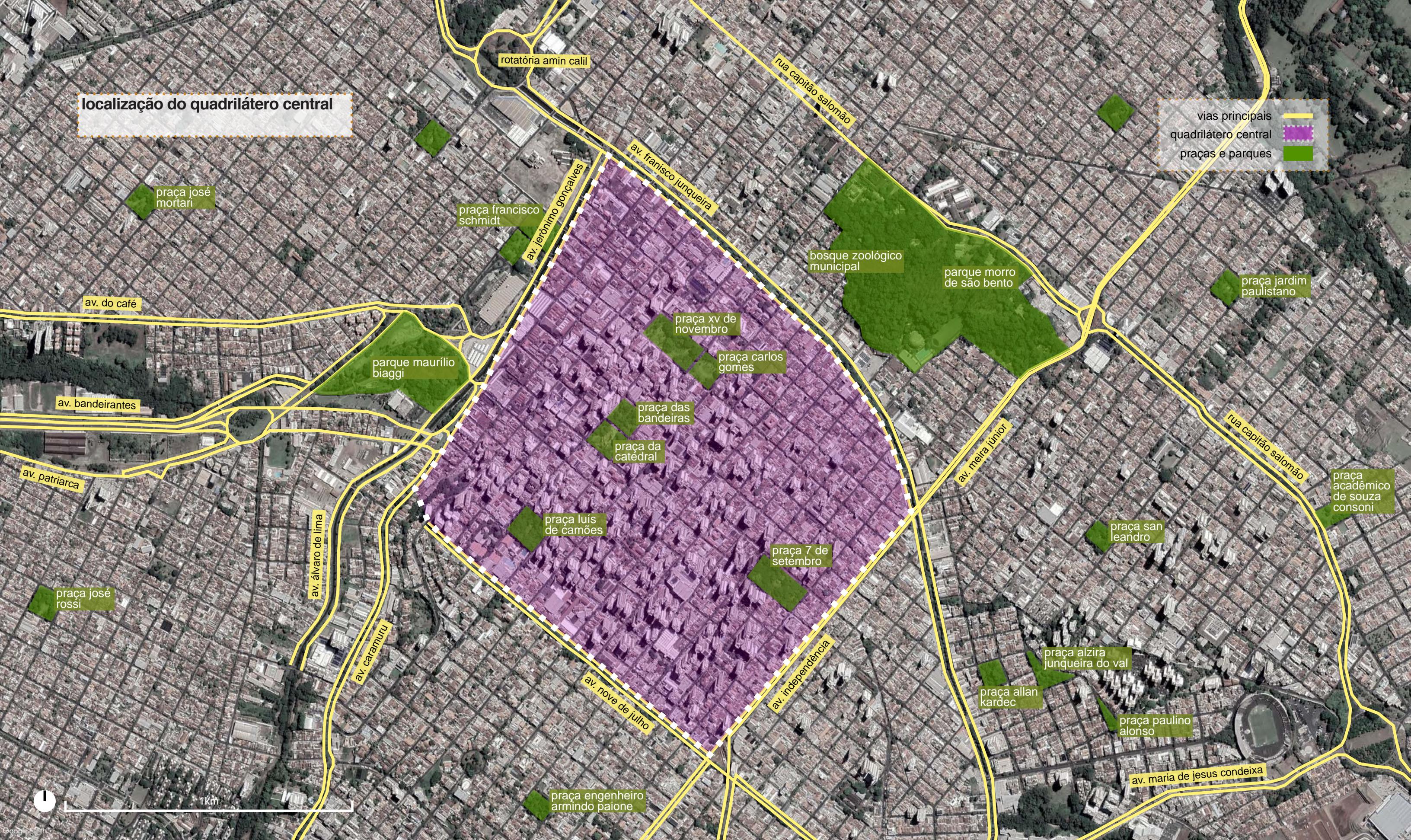
Figura 27: Fachada do Hotel Modelo a partir da rua General Osório, 14 de outubro de 2022. Autoria própria.

leituras de território

No início, gera estranheza chamar de “casa”. Na verdade, as vezes é como em “A casa”, de Vinicius de Moraes. Mas no fim, não importa. Aqui é onde assistimos o desabrochar do amadurecimento, o desenvolvimento da empatia, o nascer do conhecimento e é onde se iniciou a realização de um sonho, onde nasceu uma nova fase. Precisamos desse lugar nessa fase. E, ao passar dela, aqui permanecerá sendo a marca do início.

Moniely, 19, natural de Catanduva_SP







O mapa anterior contém dados coletados no primeiro semestre de 2022, a partir de minha primeira visita à área central de Ribeirão Preto para definir o local de projeto. Naquele momento, ainda indeciso entre propor algo novo ou trabalhar com uma preexistência, e tendo em mente o adensamento do centro da cidade, decidi realizar um percurso por algumas construções que são, atualmente, protegidas pelo Conselho de Patrimônio de Ribeirão. Nessa visita, os primeiros edifícios que identifiquei foram o Hotel Brasil e o Hotel Modelo, ambos localizados no início da rua General Osório, junto da avenida Jerônimo Gonçalves.

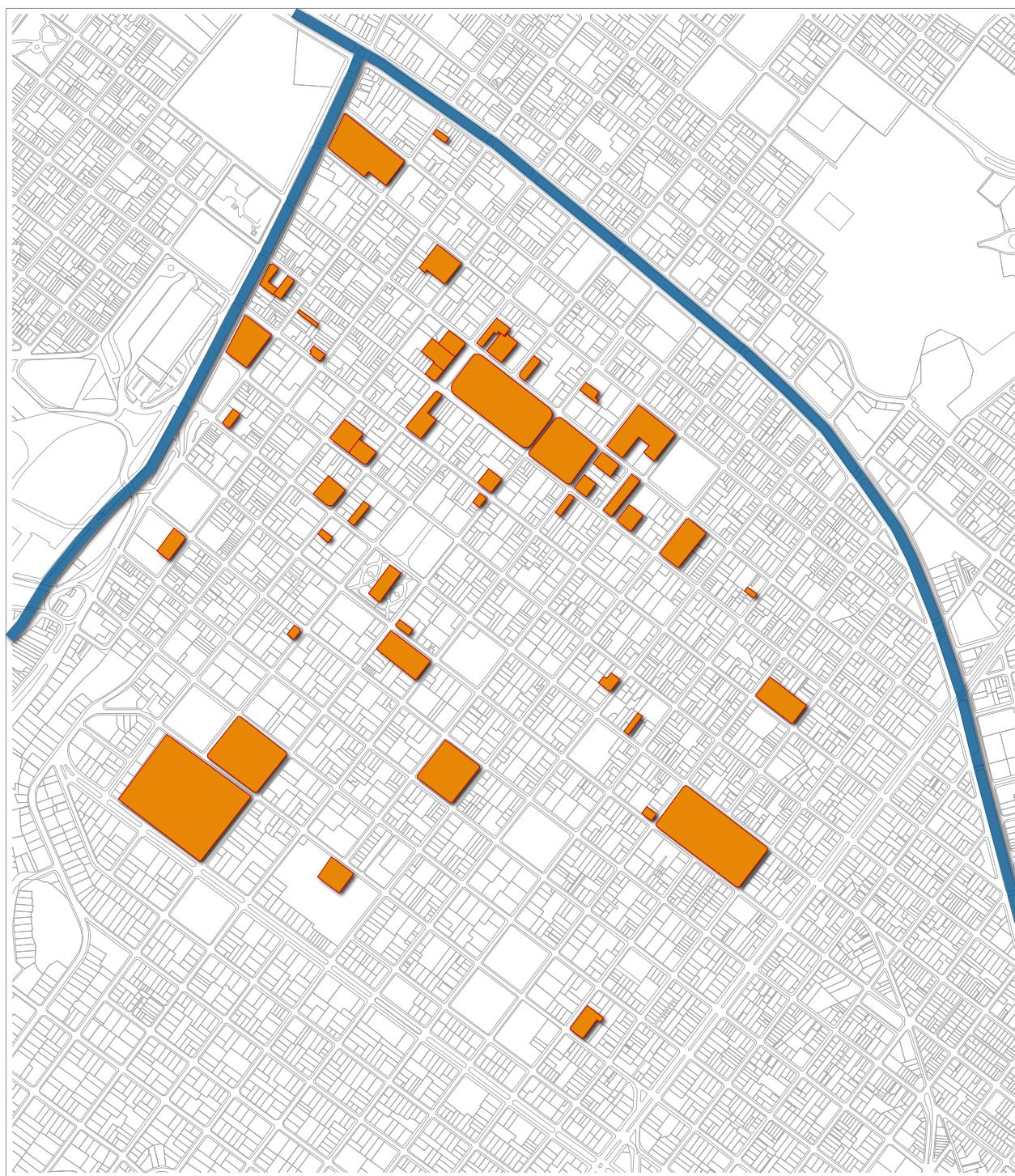
Como já mencionado antes, o edifício que ora abrigava o Hotel Brasil encontra-se desocupado há 29 anos, e indo ao local, percebi que o edifício intitulado Hotel Modelo também se encontra vazio. Ambos são separados por uma galeria comercial, em um lote de aproximadamente 700 metros quadrados. No momento da visita, percebi que não somente o antigo Hotel Brasil possuía potencial para ocupação, mas também os dois lotes ao lado.

Percebi, também, que além desses lotes, toda a região conhecida como Baixada, às margens do córrego Ribeirão, já abriga algumas iniciativas de revitalização e recuperação de seu caráter urbano através da reconversão de preexistências, como o Instituto SEB e outros espaços de eventos por ali espalhados, além de possuir lotes ainda sem uso definido (ver próximo mapa). Nesse sentido, reativar a esquina da General Osório com a Jerônimo Gonçalves contribui para esse movimento de qualificação da área, que conta também com importantes equipamentos urbanos, como o Terminal Rodoviário, a UBDS Central, o Mercado Municipal e o Centro Popular de Compras.



Figura 28: Hotel modelo, galeria comercial e Hotel Brasil, a partir da rua General Osório, 4 de maio de 2022. Autoria própria.

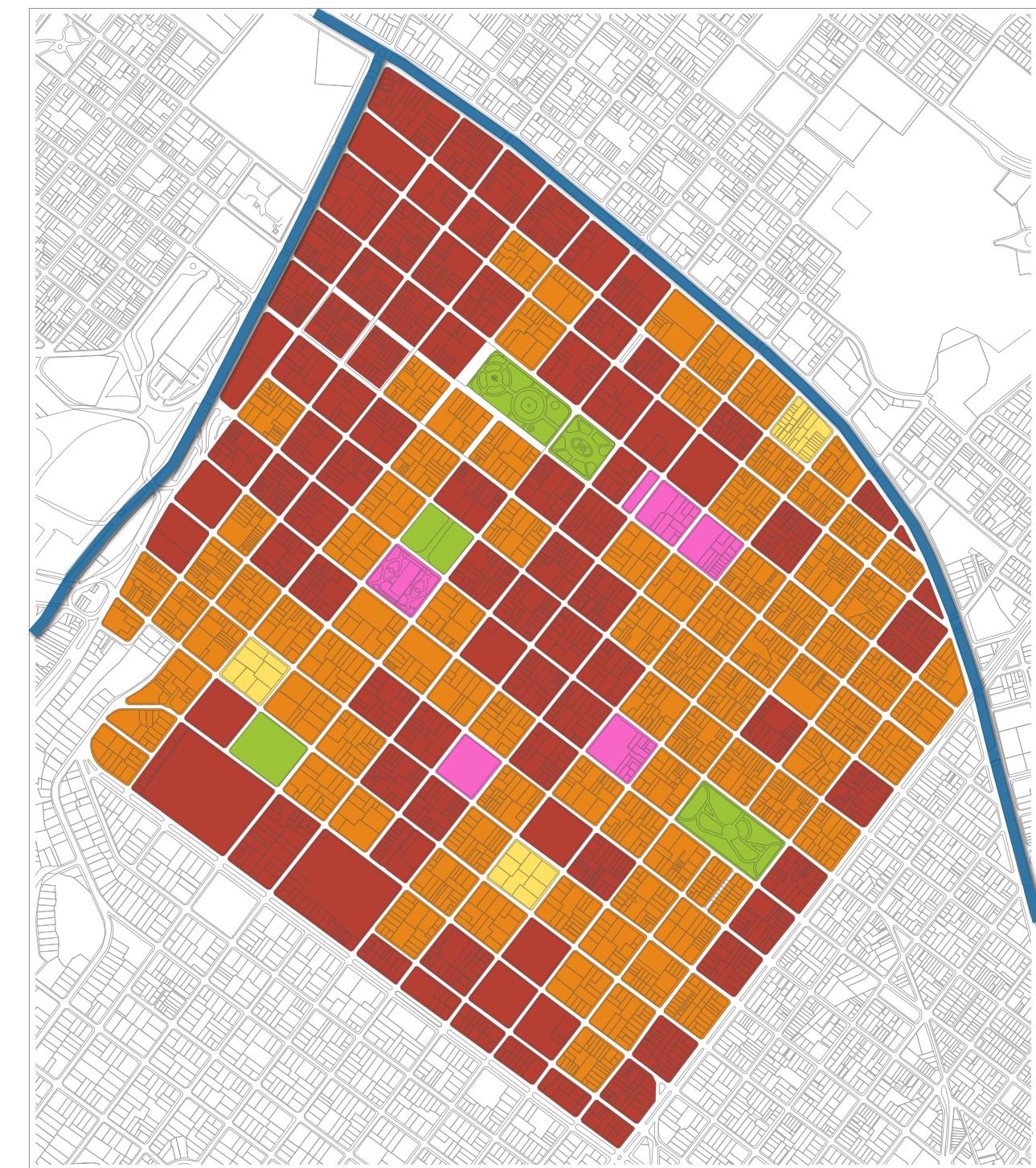




localização de todos os bens tombados do centro de ribeirão preto

■ bens tombados no quadrilátero central

0 100 200 300m



uso do solo por predominância

comercial/serviços
misto_residencial/commercial/services

institucional

residencial

áreas verdes



0 100 200 300m



habitação estudantil para quem precisa

O alojamento representa, pra mim, minha única oportunidade de permanecer na graduação. Sendo assim, representa a única e exclusiva oportunidade de mudar não só a minha realidade de vida, mas também de familiares e amigos que infelizmente não tiveram oportunidade de ingressar em uma universidade e por isso, se veem realizados por meu feito.

Letícia, 21, natural de Salvador_BA

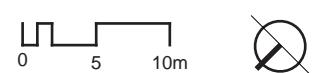
implantação

Como mencionado anteriormente, tanto o Hotel Brasil como os lotes adjacentes na rua General Osório se configuraram, para este projeto, como potenciais de ocupação e reativação. Entre o Hotel Brasil e o Hotel Modelo há um lote comercial, que deverá ser desapropriado para dar lugar a um novo edifício, contemporâneo.

Esse edifício novo, o qual intitularei de **caixa**, também servirá para habitação estudantil, seguindo um programa parecido com as preexistências: térreo comercial, de acesso público, e habitação nos níveis superiores, de acesso restrito aos residentes e hóspedes. A estrutura de sustentação é metálica e as lajes são em sistema *steel deck*.

Como elementos de conexão entre o antigo e o novo, *decks* no nível térreo e marquises na cobertura permitem que os usuários circulem livremente pelo espaço, que é iluminado por luz natural e protegido das chuvas. No meio do lote, atrás da **caixa**, também há um jardim que contribui para a redução da temperatura ambiente.

Por fim, como forma de estimular o caminhar do pedestre, proponho o prolongamento do calçadão até a esquina do Hotel Brasil. Atualmente, o calçadão se inicia na esquina de cima, no encontro entre as ruas General Osório e José Bonifácio. O prolongamento do calçadão também gera maior circulação de pessoas na região do projeto, contribuindo com a valorização da área da Baixada.



.....
prolongamento do
calçadão

.....
hotel modelo

.....
novo edifício_
caixa

.....
hotel brasil



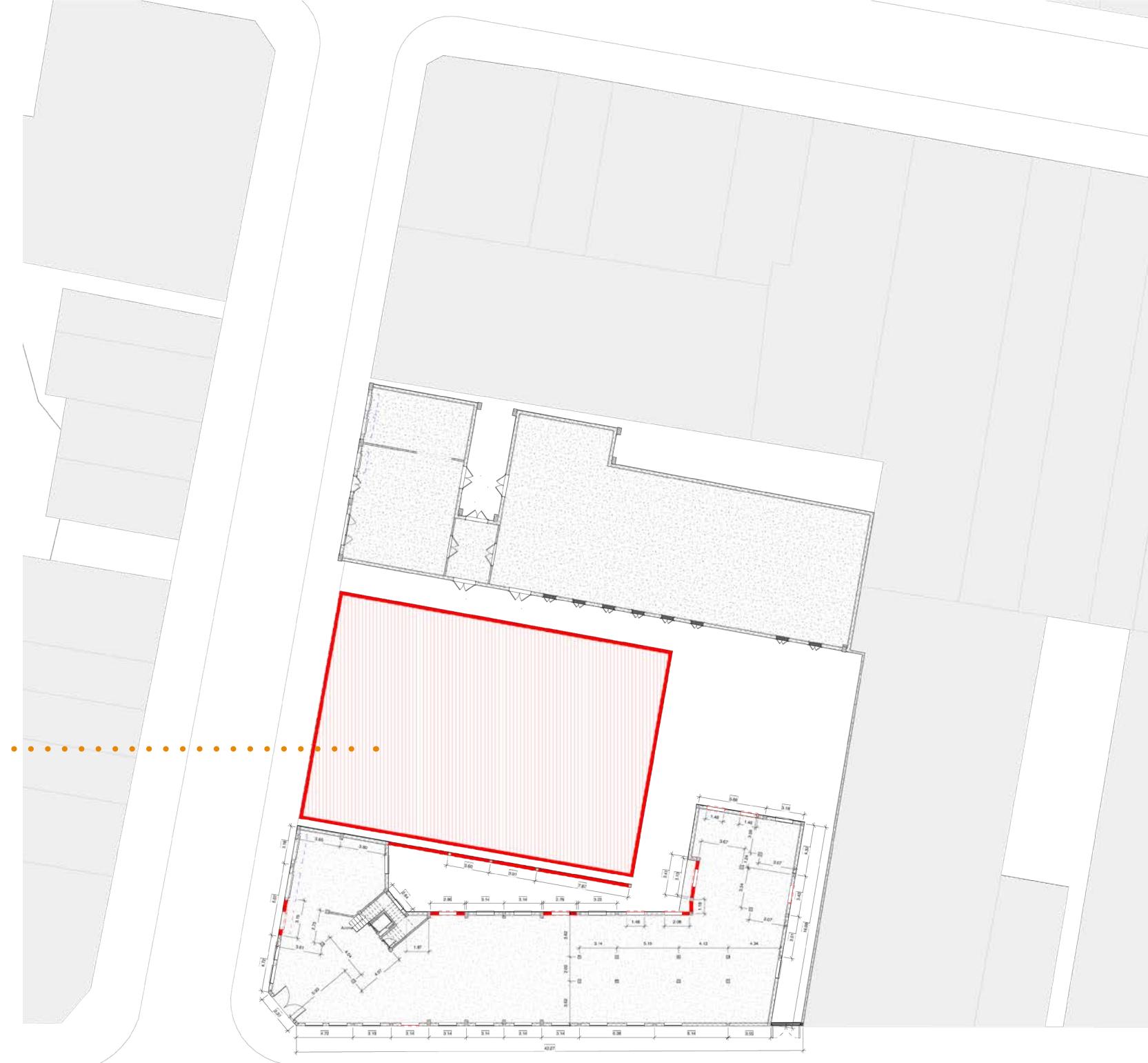
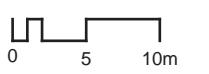
av. jerônimo gonçalves



Figura 29: Vista ortogonal do projeto.

planta de demolição_térreo

.....
desapropriação de lote comercial
aproximadamente 700m² de área



planta civil_térreo

A partir dos dados coletados sobre o Hotel Brasil (plantas e elevações), proponho, no nível térreo, a implementação de um restaurante popular, aos moldes de um modelo já existente no estado de São Paulo, o Bom Prato¹⁵. Nele, as refeições são servidas por R\$ 1,00 cada, e a ideia é que o serviço esteja disponível de segunda a sábado, servindo café da manhã, almoço e jantar. Para os estudantes residentes, as refeições serão gratuitas (dado que a USP já contempla os residentes das moradias estudantis com o Auxílio Alimentação), e o público geral paga o valor simbólico estipulado pelo Programa Bom Prato.

funcionamento do restaurante

café da manhã: 7-8h

almoço: 11-13h

jantar: 17-19h

capacidade do refeitório

~150 pessoas

tempo estimado de refeição para cada pessoa: 30 min.

café da manhã: 300 pessoas

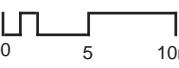
almoço: 600 pessoas

jantar: 600 pessoas

capacidade total

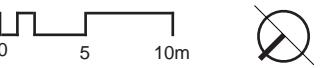
1500 refeições/dia

¹⁵ Programa Bom Prato. Governo do Estado de São Paulo - Desenvolvimento Social, São Paulo, 2022. Disponível em: <<https://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/acoes-de-protacao-social/programa-bom-prato/>>. Acesso em: 6 dez. 2022.



layout_térreo

- 1. recepção hotel e espaço expositivo
- 2. acesso ao 1º pav
- 3. espaço comercial_sebo
- 4. bilheteria restaurante popular
- 5. salão de refeições
- 6. deck_circulação
- 7. espaço comercial_conveniência
- 8. cozinha do restaurante
- 8.1_ preparação e cocção de alimentos
- 8.2_ distribuição de refeições
- 8.3_ devolução de pratos e talheres
- 9. câmara fria
- 10. despensa seca
- 11. sanitários
- 12. vestiário de serviço
- 13. sala de administração do restaurante
- 14. estacionamento e acesso de serviço
- 15. acesso ao 1º pav
- 16. espaço comercial_cafeteria
- 17. guarita
- 18. saguão
- 19. espaço de serviço_assistência social
- 20. salão cultural
- 21. sala de estudos
- 22. espaço comercial hotel modelo



Para além dos acessos existentes no nível térreo do Hotel Brasil, proponho um novo acesso, que centraliza as entradas da **caixa** e do **restaurante** a partir do novo calçadão. Ali, o usuário encontra a preexistência e o novo, que se interligam através de um deck de madeira e um jardim que seguem o desenho da estrutura remanescente do Hotel Brasil.



Figura 32: Vista a partir da bilheteria do restaurante. Ao lado direito, o refeitório; aos fundos, a cozinha; à esquerda, a caixa.



Figura 30: Vista interna do restaurante. Ao lado direito, nota-se as palmáceas que margeiam o córrego Ribeirão. À esquerda, acesso ao deck e à caixa.

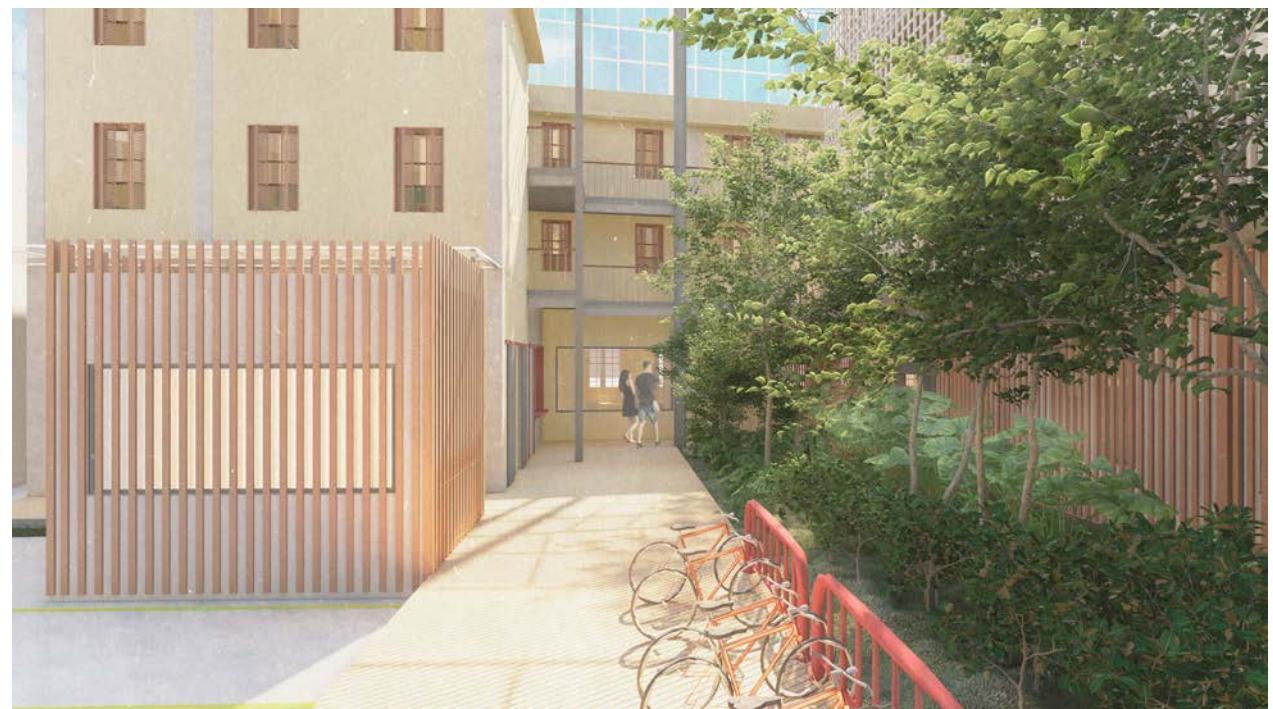


Figura 31: Vista a partir do antigo Hotel Modelo, aos fundos do lote. Em primeiro plano, à esquerda, a sala de administração do restaurante; atrás, o antigo Hotel Brasil e à direita o jardim que circunda a caixa.

planta de demolição_1º pav

No 1º pavimento, foi necessário pensar em uma nova configuração da planta interna do antigo hotel, para que o espaço pudesse propiciar a reunião dos moradores ao invés de seu isolamento nas áreas privativas.



layout_1º pav

No antigo hotel, a configuração do 1º pavimento, que é o pavimento tipo, consiste na divisão do espaço entre pequenas repúblicas dentro de um mesmo andar. Cada uma dessas repúblicas possui uma quantidade de dormitórios, uma sala de estudos, cozinha, sanitários e espaços de convivência. Na extremidade esquerda do edifício, o espaço em formato trapezoidal, originalmente pensado como espaço de convivência, mantém-se com a mesma função, dado que seu desenho propicia a comunhão dos residentes.

Na caixa, a configuração é simples: no centro há um vazio, ao redor do qual se distribuem as áreas privativas e coletivas. Esse vazio permite a entrada de iluminação natural, que vem da claraboia na cobertura, e funciona como uma chaminé, conduzindo o ar quente de baixo para cima. O novo e o antigo são, novamente, interligados por uma varanda que segue o mesmo desenho do deck do nível térreo.

1. espaço de convivência
2. antessala
3. sala de estudos
4. dormitórios para duas pessoas
5. dormitórios para três pessoas
6. sanitários
7. lavabo
8. cozinha
9. lavanderia

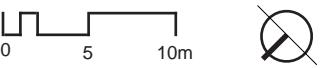




Figura 33: Vista a partir da varanda do 1º pavimento do antigo Hotel Brasil. Aos fundos, a lavanderia.



Figura 34: Vista a partir do ponto de ligação entre o antigo Hotel Brasil e a caixa. Aos fundos, a cozinha.

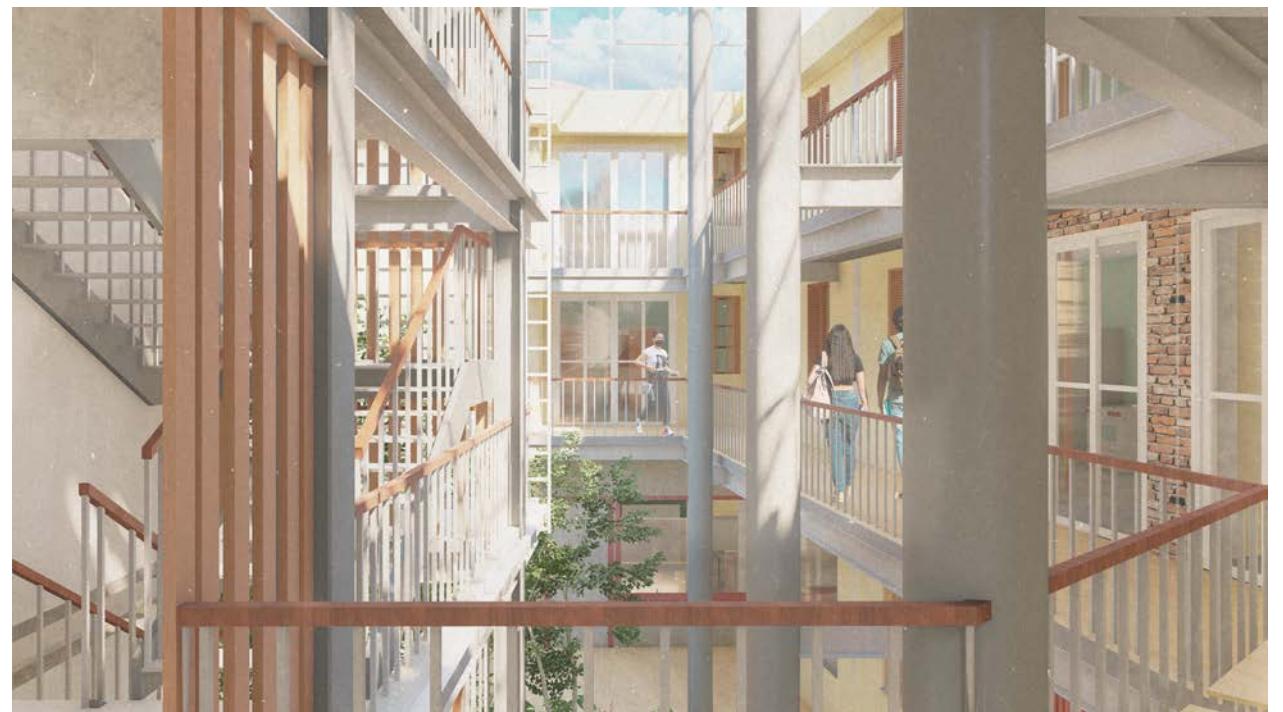


Figura 35: Vista a partir do ponto de ligação entre o antigo Hotel Brasil e a caixa.



Figura 36: Vista a partir da lavanderia.

layout_2º pav

No 2º pavimento, há apenas uma mudança na planta interna da caixa. Nela, o vazio central se desloca para a esquerda, com o intuito de garantir maior quantidade de iluminação natural no edifício. No 3º pavimento, a planta repete a configuração do 1º.

antigo hotel brasil

capacidade para 72 estudantes

caixa

capacidade para 48 estudantes

capacidade total

120 estudantes-moradores

1. espaço de convivência
2. antessala
3. sala de estudos
4. dormitórios para duas pessoas
5. dormitórios para três pessoas
6. sanitários
7. lavabo
8. cozinha
9. lavanderia

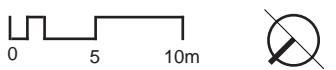




Figura 37: Vista a partir da lavanderia, no 2º pavimento.



Figura 38: Vista a partir do ponto de ligação entre a caixa e o antigo Hotel Brasil, no 2º pavimento.

layout_3º pav

- 4. dormitórios para duas pessoas
- 5. dormitórios para três pessoas
- 6. sanitários
- 7. lavabo
- 8. cozinha
- 9. lavanderia

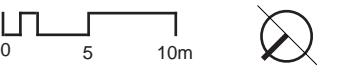




Figura 39: Vista interna do antigo Hotel Brasil.



Figura 40: Vista interna do antigo Hotel Brasil.



Figura 41: Vista interna do antigo Hotel Brasil.

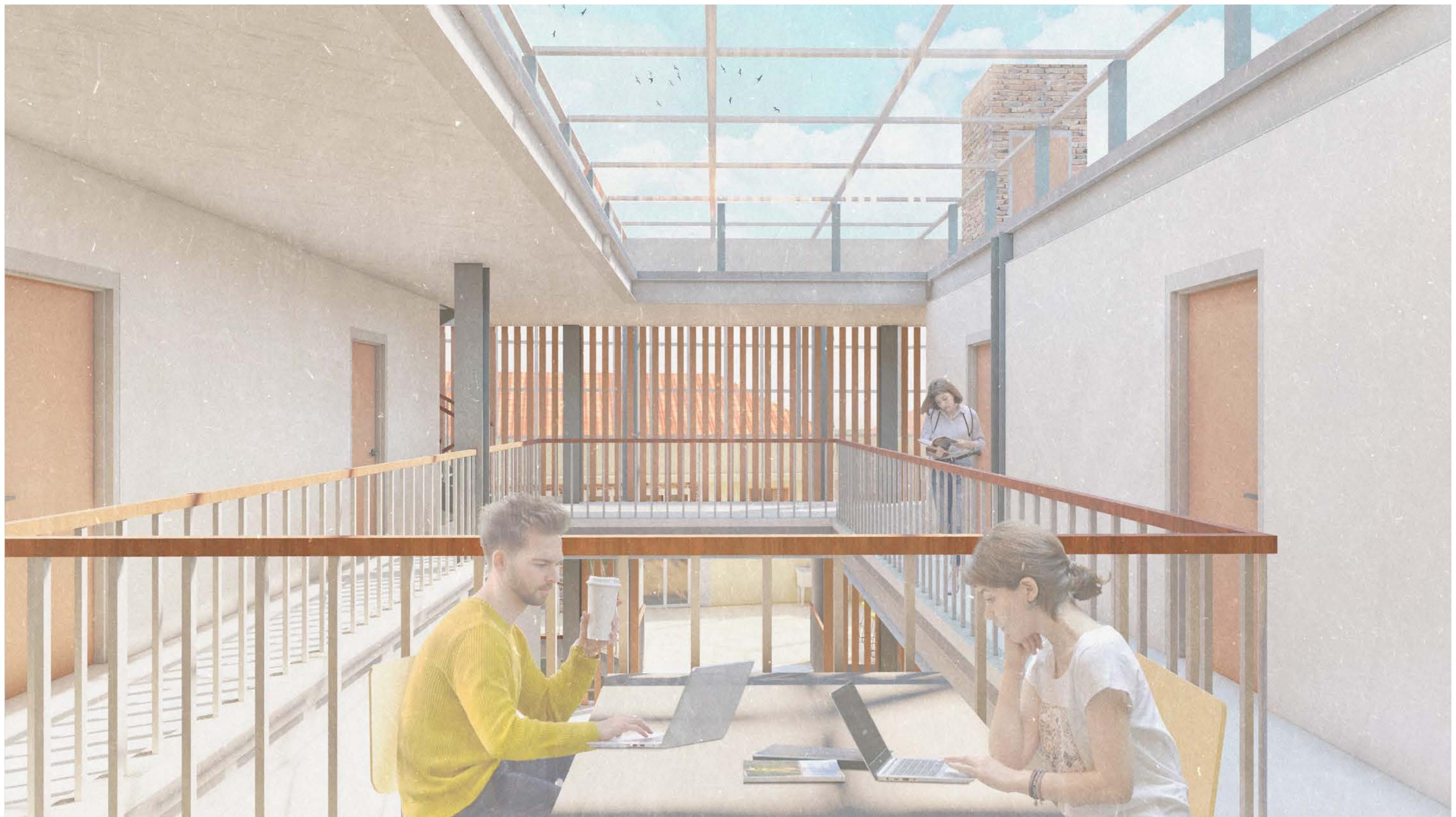


Figura 42: Vista a partir da cozinha no 3º pavimento da caixa.

corte A_longitudinal



corte B_longitudinal



corte C_transversal



corte D_transversal

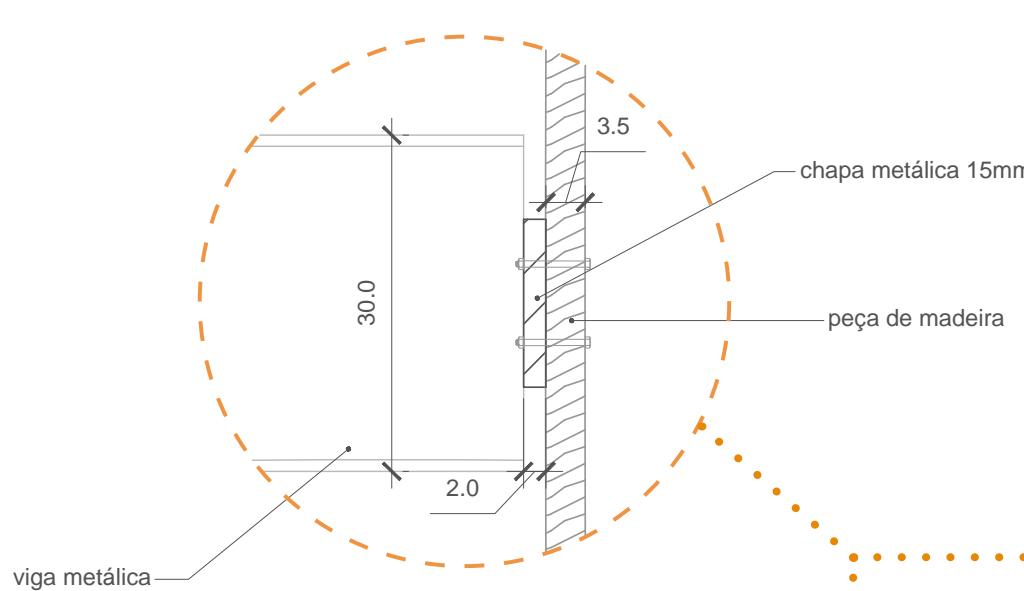


Figura 43: Detalhe construtivo de fixação dos brises de madeira, corte lateral.

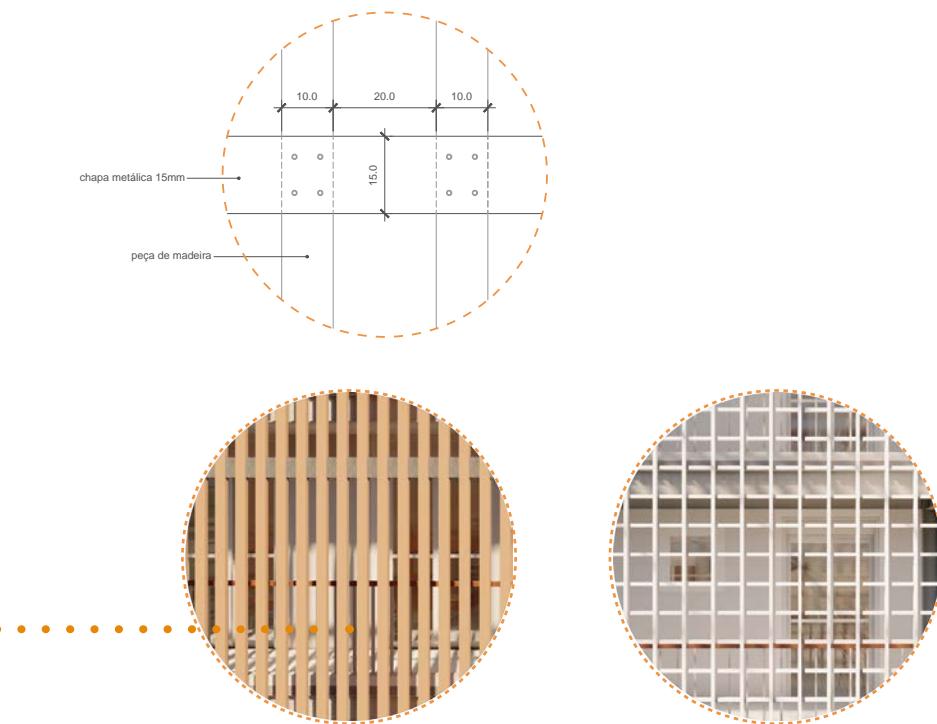


Figura 44: Detalhe construtivo de fixação dos brises de madeira, vista frontal.

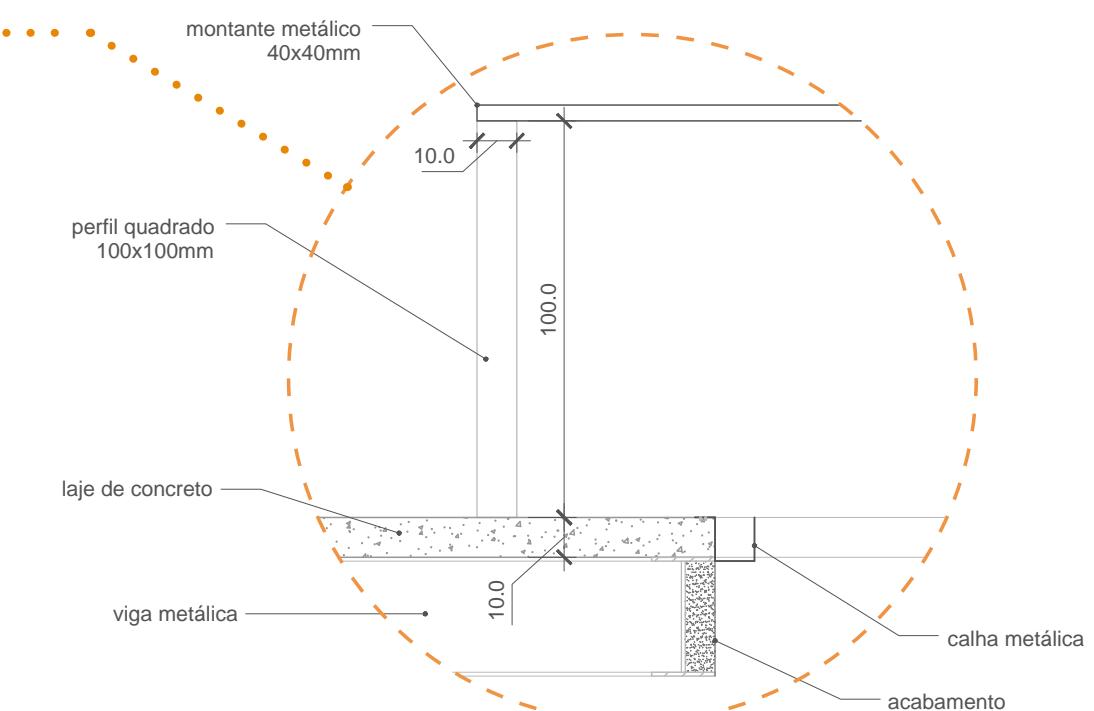


Figura 45: Detalhe construtivo da estrutura que compõe a claraboia e a captação de água pluvial.

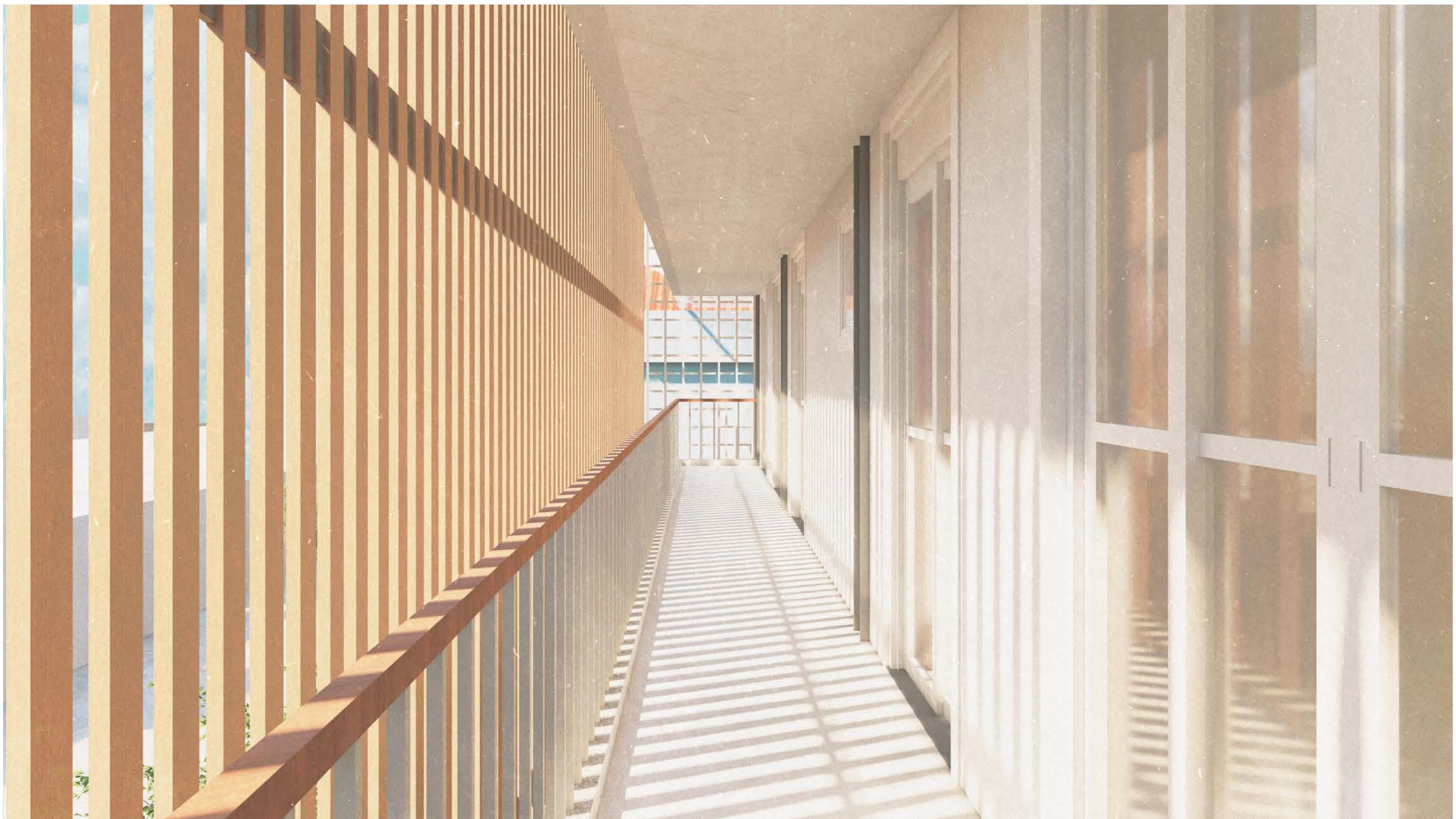


Figura 46: Vista da varanda dos dormitórios na fachada da caixa..

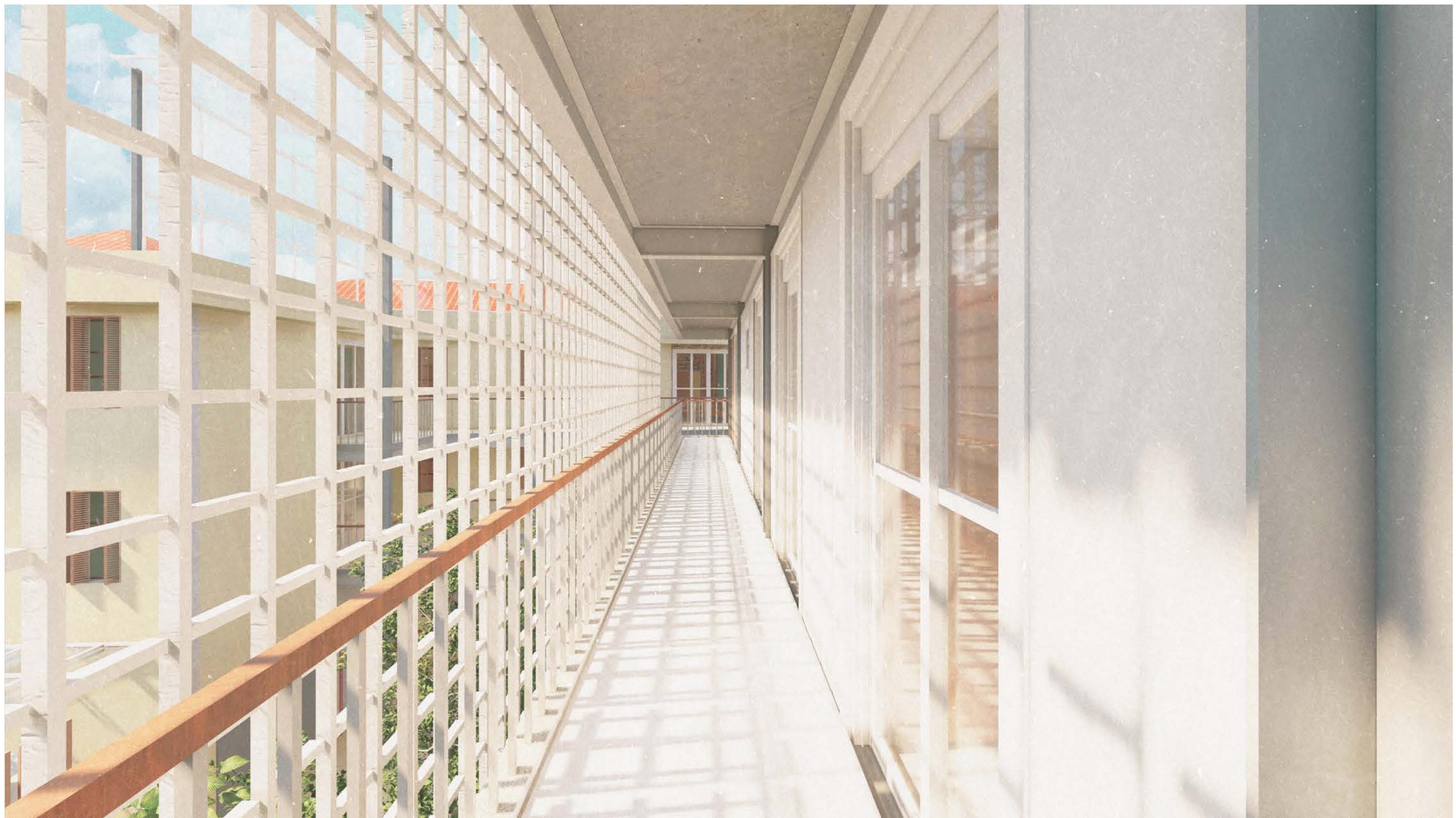


Figura 47: Vista da varanda dos dormitórios aos fundos da caixa.

elevação a_norte (N)





Figura 48: Vista da fachada norte.

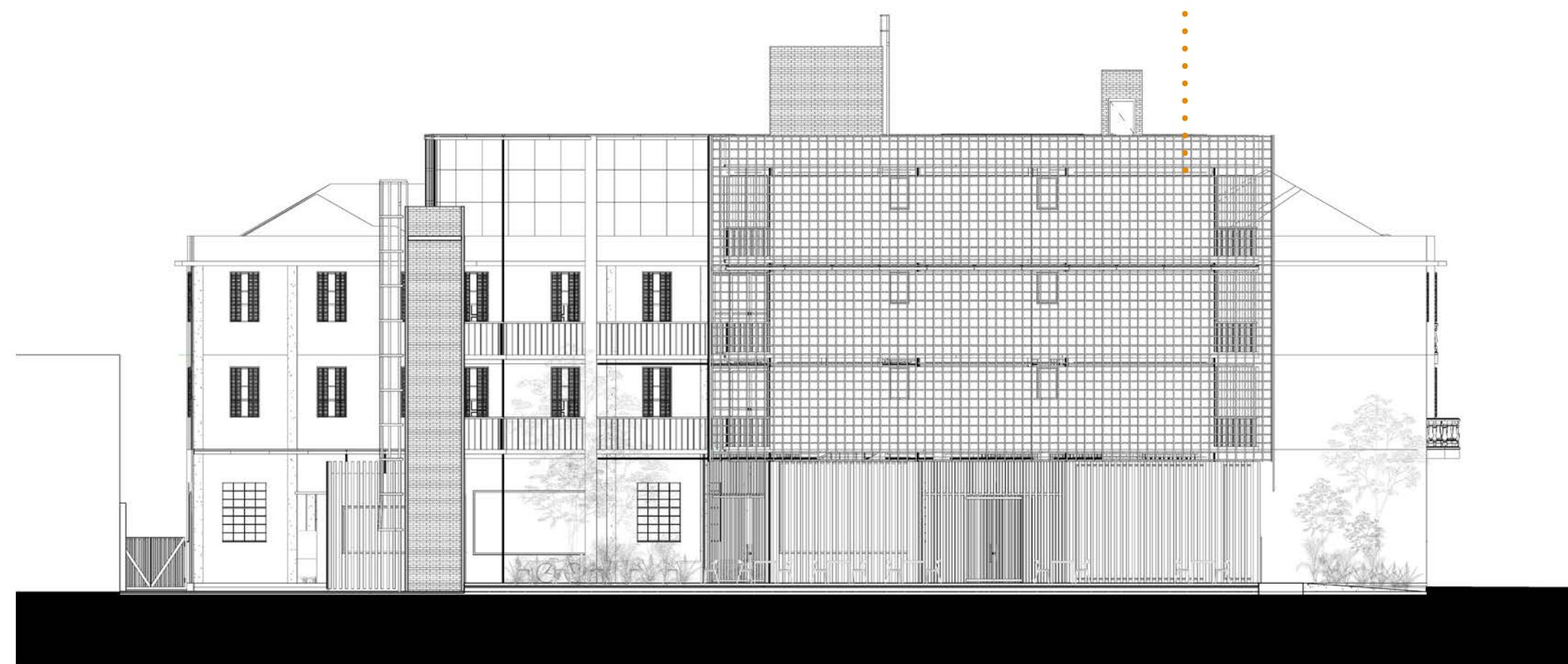
elevação b_nordeste (NE)





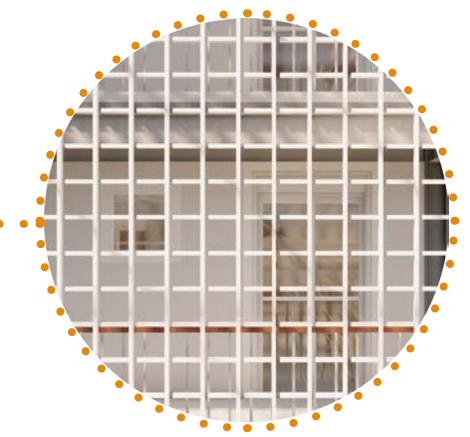
Figura 49: Vista da fachada nordeste, a partir do novo calçadão.

elevação c_sudeste (SE)

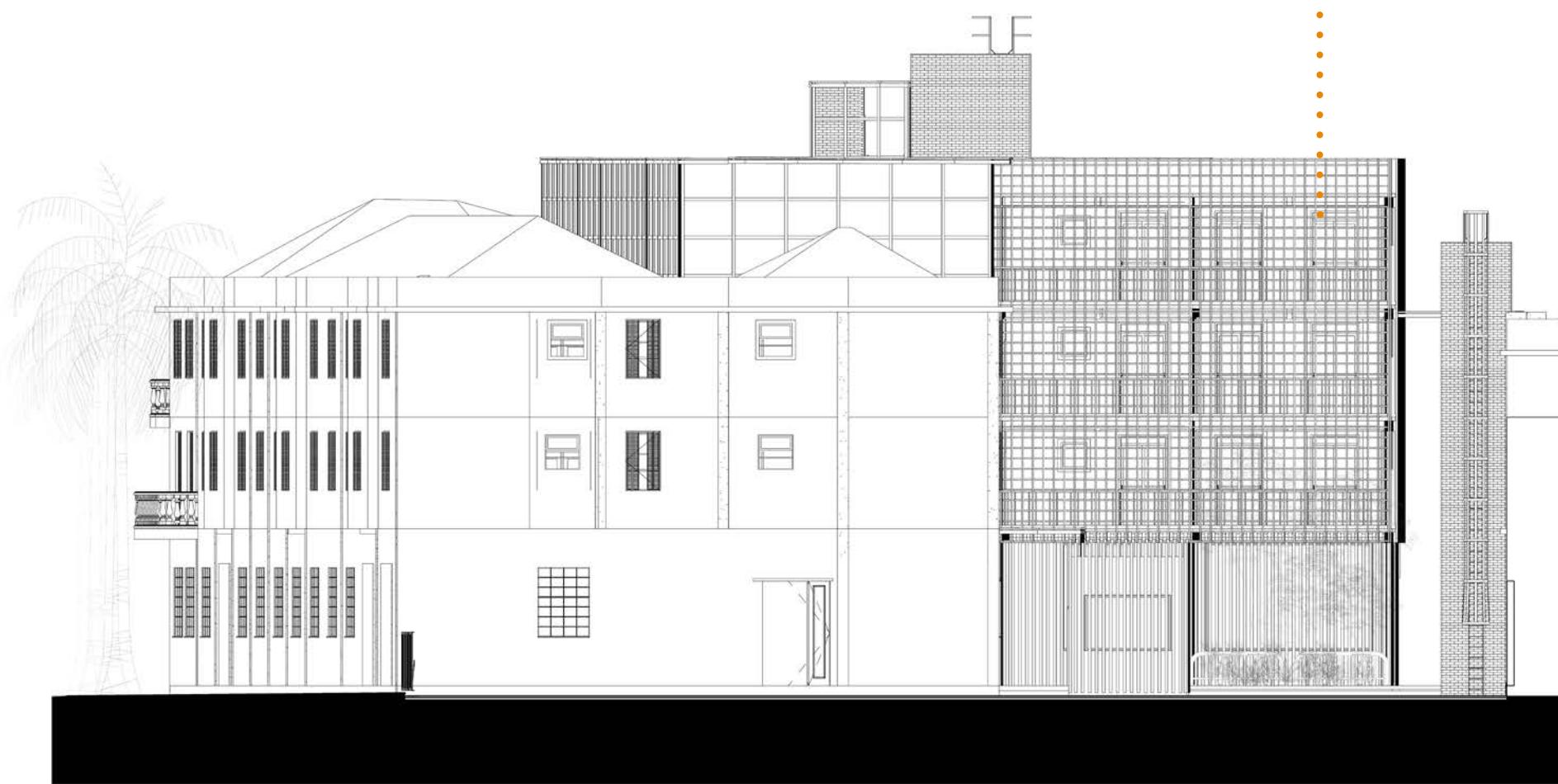


para as fachadas que recebem menor quantidade de luz solar, prevê-se a instalação de uma quadricula feita com peças de madeira

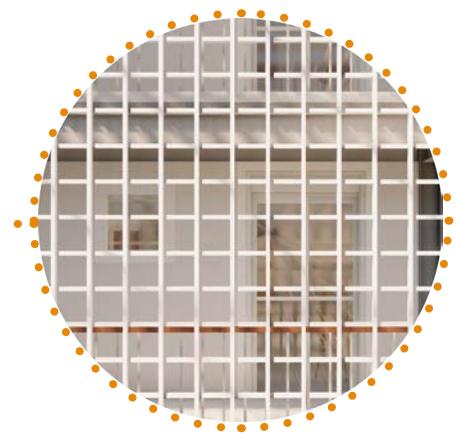
esse fechamento também aparece na interface entre a caixa e o antigo hotel modelo



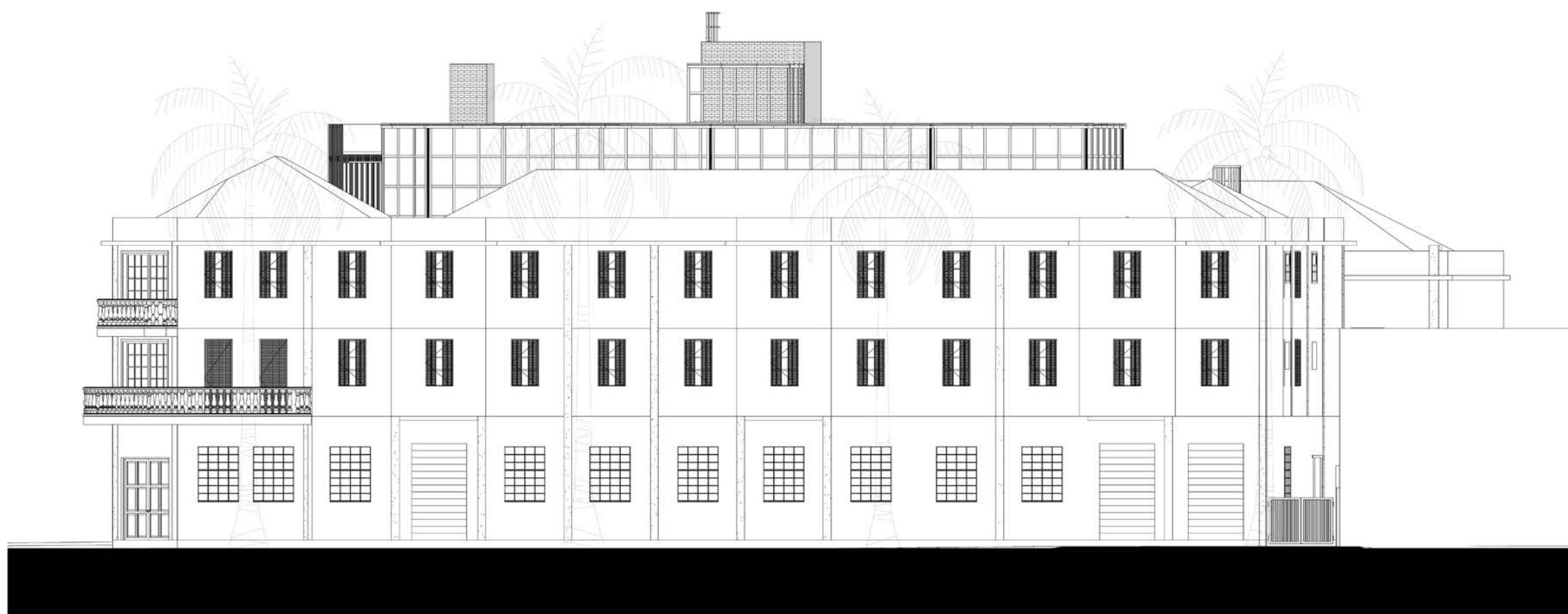
elevação d_sudoeste (SO)



esse fechamento também aparece na interface entre a caixa e o antigo hotel modelo



elevação e_noroeste (NO)



na fachada de frente para a av. Jerônimo Gonçalves, novas esquadrias que substituem os antigos vitrões de sanitários que se situavam nessa área do edifício

.....
as novas esquadrias seguem o modelo das existentes, exceto pelo material, que é em aço, contrastando com as existentes, em madeira

.....
nova abertura na fachada do antigo Hotel, criando um novo acesso para o restaurante diretamente da avenida





Figura 50: Vista dos fundos do lote, a partir do estacionamento de serviço.

referências

- ARAÚJO, J. O. (2003). **O elo assistência e educação: análise assistência/desempenho no programa residência universitária alagoana.** Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE.
- BERLATTO, F., & SALLAS, A. L. F. (2008). **Um lar em terra estranha: espaço e sociabilidade em uma casa de estudantes feminina.** Revista Chilena de Antropologia Visual, 12, 48-69. Recuperado em 28 de janeiro de 2012, de http://www.rchav.cl/2008_12_art03_berlatto_&_fayet_por.html#Layer4
- BRANDI, C. **Teoria da Restauração.** São Paulo: Ateliê Editorial, 13 set. 2017. Tradução de Beatriz Mugayar Kühl.
- CALIL JÚNIOR, O. **O centro de Ribeirão Preto: os processos de expansão e setorização.** 2003. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Carlos, 2003. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18131/tde-16062021-175850/>. Acesso em: 25 jun. 2022.
- CRUZ, A. **Reitoria reajusta em 25% valor das bolsas e auxílios a estudantes com necessidades socioeconômicas.** Jornal da USP, São Paulo, 25 de maio de 2021. Disponível em: < Reitoria reajusta em 25% valor das bolsas e auxílios a estudantes com necessidades socioeconômicas>. Acesso em: 17 de junho de 2022.
- CRUZ, A. **USP concede quase 24 mil benefícios a estudantes com necessidades socioeconômicas em 2021.** Jornal da USP, São Paulo, 23 de julho de 2021. Disponível em: < <https://jornal.usp.br/institucional/usp-concede-quase-24-mil-beneficios-a-estudantes-com-necessidades-socioeconomicas-em-2021/>>. Acesso em: 17 de junho de 2022.
- DEVLIN, S., DONOVAN, S., NICOLOV, NOLD, O., & ZANDAN, G. (2008). **Residence hall architecture and sense of community: everything old is new again.** Environment and Behavior, 40, 487-521. doi:10.1177/0013916507301128
- Em 2021, USP tem mais de 50% de alunos ingressantes vindos de escolas públicas. **Jornal da USP**, São Paulo, 28 de maio de 2021. Disponível em: <[https://jornal.usp.br/institucional/em-2021-usp-tem-mais-de-50-de-alunos-ingressantes-vindos-de-escolas-publicas/#:~:text=Em%202021%2C%20a%20USP%20registrou,pardos%20e%20indigenas%20\(PPI\)](https://jornal.usp.br/institucional/em-2021-usp-tem-mais-de-50-de-alunos-ingressantes-vindos-de-escolas-publicas/#:~:text=Em%202021%2C%20a%20USP%20registrou,pardos%20e%20indigenas%20(PPI).)>. Acesso em: 17 de junho de 2022.
- FERAZ, M., & PEREIRA, A. (2002). **A dinâmica da personalidade e o homesickness (saudades de casa) dos jovens estudantes universitários.** Psicologia, Saúde & Doenças, 3(2), 149-164.
- FERNANDES, F. **Universidade Brasileira: reforma ou revolução?** 1ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2020.
- GARRIDO, E. **A Experiência da Moradia Estudantil Universitária: Impactos sobre seus Moradores.** Psicologia Escolar e Educacional. Brasília, v. 35, nº 3, p. 726-739, set. 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/Q5SWftTqx5QbnYLQFm3LZZb/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 18 de junho de 2022.
- GARRIDO, E. N., & MERCURI, E. (2013). **A moradia estudantil universitária como tema na produção científica nacional.** Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, 17(1), 87-95.
- GASPAR, T. **A atuação de Antônio Diederichsen no início do processo de verticalização em Ribeirão Preto.** In: FARIA, R.; MIRANDA, A.; RIZZATTI, H. *Urbanismo e urbanização em Ribeirão Preto*. Universidade de Brasília, 2022.
- INKELAS, K., DAVER, Z. E., VOGT, K. E., & LEONARD, J. B. (2007). **Living-learning programs and first-generation college students' academic and social transition to college.** Research in Higher Education, 48(4), 403-434. doi:10.1007/s11162-006-9031-6.
- JACOBS, J., & ARCHIE, T. (2008). **Investigating sense of community in firstyear college students.** Journal of Experiential Education, 30(3), 282-285. doi:10.1177/105382590703000312
- JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades.** Martins Fontes, 2000.
- LARANJO, T. H. M., & SOARES, C. B. (2006). **Moradia universitária: processos de socialização e consumo de drogas.** Revista de Saúde Pública, 40(6), 1027-1034. doi:10.1590/S0034-89102006000700010
- MANHAS, A. **A expansão de Ribeirão Preto a partir do núcleo colonial Antônio Prado em 1887 e o início de uma geografia urbana.** In: FARIA, R.; MIRANDA, A.; RIZZATTI, H. *Urbanismo e urbanização em Ribeirão Preto*. Universidade de Brasília, 2022.

MELLO, D. **Custo de vida em São Paulo tem maior alta desde 2015, diz Fecomercio.** Agência Brasil, São Paulo, 24 de janeiro de 2022. Economia. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2022-01/custo-de-vida-em-sao-paulo-tem-maior-alta-desde-2015-diz-fecomercio#:~:text=Na%20avaliação%20da%20Fecomercio%20a,longo%20dos%20últimos%20dois%20anos>>.>. Acesso em: 17 de junho de 2022.

Novo protesto estudantil por moradias na USP será nesta segunda (13/6) no prédio da História. **Adusp**, São Paulo, 10 de junho de 2022. Disponível em: <<https://www.adusp.org.br/index.php/defesauniv/4522-prot-morest>>. Acesso em: 17 de junho de 2022.

OSSE, C. M. C., & COSTA, I. I. (2011). **Saúde mental e qualidade de vida na moradia estudantil da Universidade de Brasília.** Estudos de Psicologia, 28(1), 115-122. doi:10.1590/S0103-166X2011000100012

PAIVA, D. D. S., & MENDES, G. R. (2002). “**Onde se pode ficar nu**”: territorialidade e privacidade na Casa do Estudante Universitário da UnB. Textos de Alunos de Psicologia Ambiental, 7. Recuperado em 4 de fevereiro de 2009, de <http://www.psiambiental.net/pdf/2001FicarNu.pdf>

PASCARELLA, E. T., TERENZINI, P. T., & BLIMLING, G. S. (1994). **The impact of residential life on students.** In C. C. Schroeder, & P. Mable (Eds.), Realizing the educational potential of residence halls (pp. 22–52). San Francisco: Jossey-Bass.

PAPFE 2022 – Programa de Apoio à Permanência e Formação Estudantil. **Prefeitura do Campus USP de São Carlos**, São Carlos, 2022. Disponível em: <<http://www.puspse.usp.br/bolsas-e-auxilios/>>. Acesso em: 17 de junho de 2022.

REGISTRO, T. Prefácio. In: FARIA, R.; MIRANDA, A.; RIZZATTI, H. **Urbanismo e urbanização em Ribeirão Preto.** Universidade de Brasília, 2022.

PAULA, A. S. do N.; COSTA, F. J. F.; LIMA, K. R. R. **Diretrizes globais para o capitalismo acadêmico brasileiro dependente: a busca pela construção da World Class University.** Jornal de Políticas Educacionais. V. 14, n. 02. Janeiro de 2020.

Resolução nº 7373, de 10 de julho de 2017. **Universidade de São Paulo**, São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://leginf.usp.br/?resolucao=resolucao-no-7373-de-10-de-julho-de-2017>>. Acesso em: 17 de junho de 2022.

Resolução nº 8231, de 05 de maio de 2022. **Universidade de São Paulo**, São Paulo, 2022. Disponível em: <<https://leginf.usp.br/?resolucao=resolucao-no-8231-de-5-de-maio-de-2022>>. Acesso em: 17 de junho de 2022.

SCOPELLITI, M., & TIBERIO, L. (2010). **Homesickness in university students: the role of multiple place attachment.** Environment and Behavior, 42(3), 335-350. doi:10.1177/0013916510361872

SOUSA, L. M., & SOUSA, S. M. G. (2009). **Significados e sentidos das casas estudantis e a dialética inclusão-exclusão.** Psicologia: Ciência e Profissão, 29(1), 4-17. doi:10.1590/S1414-98932009000100002

USP realiza mudança histórica na seleção de alunos. **Jornal da USP**, São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/especial/usp-realiza-mudanca-historica-na-selecao-de-alunos/>>. Acesso em: 17 de junho de 2022.

USP termina primeiro Sisu sem alunos selecionados em 11 cursos. **G1**, São Paulo, 18 de janeiro de 2016. Educação. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2016/01/usp-termina-primeiro-sisu-sem-alunos-selecionados-em-11-cursos.html>>. Acesso em: 17 de junho de 2022.

VIECELI, L. **Crise econômica deve elevar déficit habitacional para 6,1 milhões de moradias no país, diz estudo.** Folha de São Paulo, Rio de Janeiro, 17 de setembro de 2021.

YEUNG, R. (2009). **A quasi-experimental approach to estimating the impact of collegiate housing.** In 31st Annual Appam Research Conference, Washington, DC. Recuperado em 9 de dezembro de 2009, de <https://www.appam.org/conferences/fall/dc2009/paperssubmitted.asp>

